

**SER OU NÃO SER TRANSFÓBICO, EIS A QUESTÃO:
ESTEREÓTIPOS DE GÉNERO E ATITUDES
TRANSFÓBICAS**

JOANA FILIPA MORAIS E CUNHA CORREIA DE AZEVEDO

Orientadora de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ISABEL LEAL

Professora do Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARTA MIGUEL

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Isabel Pereira Leal, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Primeiramente, um agradecimento profundo a toda a minha família, que me tem vindo a acompanhar durante este percurso desafiante e pela vida fora, a motivação que inculcem, o apoio que partilham e a união que demonstraram por todo o percurso da minha vida, é gratificante poder viver uma vida na vossa companhia. Um agradecimento especial à minha avó Nini, que sempre me motivou e instigou a ser uma boa pessoa e lutar pelos meus sonhos.

Um agradecimento muito especial à Professora Doutora Marta Miguel, pela motivação, pela orientação detalhada, pela sua boa disposição e crítica construtiva. É uma inspiração enquanto profissional, tendo sido uma excelente professora para mim. Muito obrigada, teve um grande impacto no meu último ano enquanto estudante de Psicologia Clínica.

Igualmente, gostaria de agradecer à Professora Doutora Isabel Leal, pela orientação inicial, pela partilha das suas aprendizagens enquanto psicóloga e enquanto pessoa. Um obrigado do fundo do coração.

Um agradecimento especial à Beatriz e à Marta, colegas e profissionais incríveis que o ISPA me possibilitou conhecer, mas acima de tudo amigas do coração. Um obrigada nunca será suficiente, pela motivação, pelo apoio, pela escuta, pela inspiração, pela amizade e companheirismo.

Um agradecimento muito especial à Nicole e à Catarina, por todos os momentos vividos, por todas as crises partilhadas e por muitos mais dias na vossa companhia e amizade, Obrigada.

Um agradecimento especial aos meus amigos incríveis, que me tem acompanhado nesta viagem e neste percurso extremamente significativa para mim.

Um agradecimento especial ao Professor Pedro Aleixo, à Psicóloga Dulce Malaia, à Professora Francis Carneiro, à Professora Eva Duarte, à Professora Jordana Cardoso.

Resumo

Objetivo: O presente estudo apresenta como principal objetivo perceber a atitude da população portuguesa face a pessoas Transgénero, compreender a relação entre Estereótipos de Género e o Generismo e Transfobia, tendo em conta diversas variáveis sociodemográficas (idade, sexo, orientação sexual, habilitações e identificação religiosa).

Método: Para compreender tal relação, os participantes, adultos portugueses (N=802), foram inquiridos, com uma escala de Estereótipos de Género e uma escala de Generismo e Transfobia sobre a sua atitude face a pessoas Transgénero e sobre os Estereótipos de Género que reconheciam ter face à caracterização de traços “femininos” e traços “masculinos”.

Resultados: A atitude observada apresentou baixos níveis de Transfobia e observou-se uma perceção elevada de Estereótipos de Género. Para além disso, verificou-se uma correlação positiva entre Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia, indicando que a existência de mais Estereótipos de Género está associada a uma atitude mais Transfóbica. Observou-se que homens, pessoas heterossexuais, pessoas de maior idade, com menos habilitações académicas e pessoas com afiliações religiosas tendem a apresentar uma atitude mais negativa face à comunidade transgénero.

Conclusão: Este estudo permitiu observar a relação existente entre Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia, foi também observado que a atitude da presente amostra é pouco transfóbica face ao expectável e foi possível observar que o sexo, a idade, a orientação sexual, as habilitações académicas e a identificação religiosa impactam a existência de uma atitude transfóbica.

Palavras-chave: Transgénero; Transfobia; Generismo; Estereótipos de Género; Atitudes.

Abstract

Objective: The main goal of this study is to understand the attitudes of the Portuguese population towards transgender people, to understand the relationship between gender stereotypes, genderism, and transphobia, taking into account various sociodemographic variables (age, gender, sexual orientation, level of education, and religious identification).

Method: To understand this relationship, participants, Portuguese adults (N=802), were asked about their attitude towards transgender people and about the gender stereotypes they recognized in relation to the characterization of “feminine” and “masculine” traits, with the use of a scale of Gender Stereotypes and a scale of Genderism and Transphobia.

Results: It was observed low levels of transphobic attitudes and an elevated perception of Gender Stereotypes. In addition, a positive correlation was found between Gender Stereotypes and Genderism and Transphobia, indicating that the existence of more Gender Stereotypes is associated with a more Transphobic Attitude. It was observed that men, heterosexual people, older people, people with lower educational qualifications, and people with religious affiliations have a more negative attitude towards the transgender community. **Conclusion:** This study allowed us to observe the relationship between gender stereotypes and Genderism and Transphobia. It was also observed that the attitude of the present sample is less transphobic than expected, and it was possible to observe that gender, age, sexual orientation, academic qualifications, and religious identification impact the existence of a transphobic attitude.

Key-words: Transgender, Transphobic, Genderism, Gender Stereotypes, Attitudes.

Índice

Introdução.....	8
Revisão de Literatura.....	11
Questões de Género.....	11
Atitudes Face ao Género.....	13
Estereótipos de Género.....	21
Objetivo do Estudo.....	25
Método.....	27
Participantes.....	28
Instrumentos.....	30
Questionário Sociodemográfico.....	30
Escala de Estereótipos de Género.....	31
Escala de Generismo e Transfobia.....	32
Procedimento.....	33
Análise de Dados.....	33
Resultados.....	36
Discussão.....	45
Referências Bibliográficas.....	51
Anexos.....	64
Anexo I: Questionário de Investigação.....	64
Anexo II: Outputs Complementares.....	70

Lista de Tabelas

Tabela 1: Estatística Descritiva da Amostra.....	29
Tabela 2. Estatística Descritiva da Escala de Estereótipos de Género.....	36
Tabela 3. Estatística Descritiva dos Itens da Escala de Generismo e Transfobia.....	38
Tabela 4. Estatística Descritiva das Subescalas e Total da Escala de Generismo e Transfobia.....	38
Tabela 5. Matriz de Correlações entre Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia.....	39
Tabela 6. Matriz de Regressão Linear Simples entre Estereótipos de Género e o Generismo e Transfobia.....	39
Tabela 7. Teste t para diferenças de médias da Atitude Transfóbica entre Sexos.....	40
Tabela 8. Teste de Levene à Homogeneidade de Variâncias da Atitude Transfóbica entre os Grupos de Orientação Sexual.....	41
Tabela 9. Kruskal-Wallis para Diferenças da Atitude Transfóbica Entre Orientação Sexual.....	41
Tabela 10. Regressão Linear Simples – Efeito da Idade na Generismo e Transfobia.....	42
Tabela 11. Kruskal-Wallis para Diferenças da Atitude Transfóbica entre Habilitações Académicas.....	43
Tabela 12. Kruskal-Wallis para Diferenças da Atitude Transfóbica entre Crenças Religiosas.....	43
Tabela 13. Teste de Levene à Homogeneidade de Variâncias da Atitude Transfóbica...	44

Lista de Figuras

Gráfico 1: Estereótipos de Género	36
Gráfico 1: Homocedasticidade dos Resíduos da Regressão Linear.....	42

Introdução

Com a emergência de novas temáticas relativas à comunidade transgénero emerge a necessidade inerente de compreender e estudar como se manifesta o comportamento da população portuguesa face a estas pessoas (Moleiro et al., 2022). Em Portugal, surgiu recentemente o debate (ILGA, 2025) relativo à comunidade LGBTQIA+¹ não só a nível político, social e legal, mas também relativamente à caracterização de diversas temáticas relacionadas com as questões de género e orientação sexual, como por exemplo o debate relativo à caracterização da perturbação de disforia de género no DSM-V (Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais; APA, 2013), possivelmente devido ao movimento de desconstrução do construto de género como binário. Todas estas questões levantam mais temáticas ainda sem resposta e fundamento científico sendo relevante estudar e compreender as vivências e o que beneficia ou prejudica a comunidade transgénero, em específico, pela existência de menor informação relativa a esta minoria (Moleiro et al., 2022).

Em 2011, em Portugal, a Lei n.º 7/2011, de 15 de março veio permitir o reconhecimento de identidade de género, como também a alteração do sexo legal e também do respetivo nome próprio (ILGA, 2016). Em 2018, surgiu a Lei n.º 38/2018, de 7 de agosto, que atende ao direito da autodeterminação de identidade e expressão de género em indivíduos maiores de idade e também para menores de idade entre os 16 e 18 anos, com consentimento médico e dos respetivos tutores a nível legal (Matos & Rodrigues, 2023). Todavia, em Portugal ainda não é reconhecida a nível legal a existência de identidades não-binárias, a autodeterminação de género para menores de 16 anos de idade, a existência de diretivas e normas de intervenção relativas a pessoas transgénero sobre o contexto escolar e sobre questões de intervenção médica mais específicas à identidade de género (Matos & Rodrigues, 2023). Assumindo a ideia central de Gibin (2020), que defende a assunção legal da autodeterminação de género como um Direito Humano Fundamental a nível legal, trata-se então de uma questão com pertinência e com urgência de ser aprofundada.

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgénero, Queer, Intersexo, Agénero e o sinal de “+” remete para outras expressões de género ou expressões relativas à orientação sexual que não tenham sido anteriormente referidas de forma a realçar a diversidade dentro da comunidade.

A génese de atitudes positivas face a pessoas transgénero passa, possivelmente, pela familiaridade com estas mesmas pessoas e com correntes de pensamento que fomentem conhecimento relativamente aos direitos LGBTQIA+ (Lee et al., 2021). Devido às recentes temáticas de carácter social face à implementação de novos construtos legais relativos a esta comunidade (como por exemplo a definição da idade para a cirurgia de mudança de sexo, a atribuição legal de um novo nome, as casas de banho sem género) surge a importância de compreender com ainda mais profundidade as atitudes das pessoas que compõe a nossa sociedade face a pessoas transgénero e de que forma as mesmas impactam a saúde mental desta população específica.

Partindo do pressuposto que cada ser humano está envolvido e envolve-se em diversas áreas sociais cruciais para o seu bem estar-psicológico, como a área familiar, a área laboral, a área académica e ainda a área direcionada ao contexto de Saúde, é de realçar que as pessoas transgénero sofrem desigualdades e são vítimas de discriminação no setor da Saúde (Campbell et al., 2022; Pennant et. al, 2009; Thyen et al., 2014; Zeeman et al., 2019); as atitudes no contexto laboral são marcadas pela falta de equidade (Davis & Yeung, 2022), por uma situação económica mais desfavorável (Golden et al., 2022, Shannon, 2022) e por maiores taxas de desemprego (Carpenter et al., 2022); no contexto académico são vítimas de *bullying*, invisibilidade social, abuso físico e psicológico (Airton & Koecher, 2019; Bilodeau, 2009; Gegenfurtner, 2021; Norris & Orohowski, 2020; Paechter et al., 2021); no contexto familiar existem alguns estudos empíricos que enaltecem que uma possível rejeição familiar afeta negativamente a sua saúde mental (Awan et al., 2024; Fuller & Riggs, 2018; Lewins, 1995; Klein & Golub, 2016).

Ao caracterizar os comportamentos e atitudes face às diversas minorias sexuais, surgem diversos estudos que enaltecem uma atitude com valência negativa direcionada a esta minoria (Anderson, 2023; Moleiro et al., 2022; Nagoshi et al., 2008; Norris & Orchowski, 2020; Norton & Herek, 2013; Testa et al., 2017), nomeadas como preconceito e discriminação, tendo desta forma um impacto na saúde psicológica e física dos mesmos, como comprovado pela Teoria do Stress Minoritário (Meyer, 2003). A maior parte dos estudos realizados caracteriza a atitude direcionada à população transgénera como preconceituosa ou negativa (Fisher et al., 2017; Zeeman et. al, 2019; Campbell et. al., 2022).

Os objetivos do presente estudo são caracterizar a atitude dos portugueses face a pessoas Transgénero, compreender de que forma se manifestam os Estereótipos de

Género e as Atitudes Transfóbicas e a relação entre as respetivas variáveis, e que fatores sociodemográficos demonstraram ter uma influência sobre as atitudes de adultos da população portuguesa face a pessoas Transgénero. Estes objetivos promovem o conhecimento e subsequente equidade desta minoria sexual, e alinham-se com os objetivos da Estratégia Nacional para a Igualdade e Não Discriminação 2018-2023 (Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2018), nomeadamente do Plano de Ação para o Combate à Discriminação em Razão da Orientação Sexual, Identidade e Expressão de Género, e Características Sexuais (PAOIEC). Cumprem, também, as diretrizes da Ordem dos Psicólogos face às questões de género e orientação sexual de aumento de conhecimento e compreensão de temáticas como a homossexualidade, bissexualidade e transsexualidade de forma a promover a saúde e bem-estar das pessoas LGBT (Moleiro et al., 2017).

Revisão de Literatura

Questões de Género

É crucial uma definição das diversas terminologias abordadas no presente trabalho, uma vez que a igualdade se inicia por uma responsabilidade individual e social de compreender e empregar as diversas terminologias corretamente, tanto a nível científico como social.

O Género diz respeito à representação social e cultural do sexo, tendo por base representações, crenças, ideias e valores em torno do sexo biológico, isto é, das características físicas. Tem a ver com os papéis, comportamentos, atividades e atributos socialmente construídos que uma determinada sociedade considera apropriados para os diferentes sexos (APA, 2015). Em muitas culturas e tradições religiosas, o género tem sido visto como uma construção binária, com categorias mutuamente exclusivas de masculino ou feminino, rapaz ou rapariga, homem ou mulher (Campbell et al., 2019). Estas categorias mutuamente exclusivas incluem um pressuposto de que a identidade de género está sempre alinhada com o sexo atribuído à nascença (Bethea & McCollum, 2013).

Todavia, as pessoas expressam uma diversidade de comportamentos de género, diversas orientações sexuais, várias identidades de género e expressões de género (APA & NASP, 2015).

A Identidade de Género é definida como o sentimento profundo e inerente de uma pessoa se identificar como uma rapariga, uma mulher ou uma fêmea; um rapaz, um homem ou um macho; de se identificar com uma mistura de masculino ou feminino; ou um género alternativo (Bethea & McCollum, 2013). Quando a identidade de género se alinha com o sexo, ou seja, corresponde e se apresenta de acordo com as expectativas culturais externamente determinadas sobre o comportamento e os papéis considerados apropriados para o sexo atribuído à nascença, estamos perante uma pessoa Cisgénero. Alguém cisgénero é pois alguém que tanto o sexo como a identidade de género correspondem ao mesmo construto (Moleiro et al., 2017).

A Expressão de Género representa uma forma de expressão individual, sendo através desta que cada pessoa exterioriza a sua própria identidade de género, as formas

mais comuns de exteriorizar esta mesma expressão são através da aparência física, através do vestuário, e ainda a utilização de linguagem concordante com o género que se identifica, como por exemplo a utilização de pronomes e nomes específicos para se auto referir (Moleiro et al., 2017).

A Orientação Sexual, diversas vezes retratada pela sigla LGB (Lésbicas, Gays e Bissexuais) é uma componente da identidade que inclui a atração sexual e emocional de um indivíduo em relação a outro e os respetivos comportamentos ou a afiliação social que podem resultar dessa atração (APA, 2015). Esta corresponde a um envolvimento no plano emocional, amoroso e, ou, da atração sexual por homens, mulheres ou por ambos os sexos. Pode, por isso, ser classificada em quatro principais dimensões, como a heterossexualidade, a homossexualidade/lesbianismo, bissexualidade e assexualidade (APA, 2015).

A IPsyNet (Rede Internacional de Psicologia para Assuntos Lésbico, Gay, Bissexual, Transgénero e Intersexuais, 2018), composta por associações psicológicas multinacionais e internacionais, enaltece a importância da divulgação de informação cientificamente correta e afirma que a falta ou a insuficiência de informação, relativa ao presente tema LGBT, preserva comportamentos discriminatórios e preconceito face a esta mesma população, fomentando também prejuízos tanto a nível da saúde mental como da saúde física. Os acrónimos utilizados em diversos artigos científicos são comumente LGB, LGBT, LGBTQI e LGBTQIA+, ao repartir os diversos caracteres identificam-se vários termos, como Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual, Queer, Intersexo e Assexual, sendo que o símbolo de mais representa restantes caracterizações de diversas formas de expressão relativas à orientação sexual e à identidade de género (APA, 2015).

No presente estudo encontram-se diversas variações do termo (como apenas LGB, LGBT, LGBTQI, ou LGBTQIA+) uma vez que os diversos estudos científicos citados têm como foco alguns subgrupos específicos.

Transgenerismo

O Transgenerismo refere-se à condição das pessoas transgénero. De acordo com a APA (2015) as pessoas que se caracterizam como Transgénero, ou não-conformidade de género, apresentam uma identidade de género que não é compatível com o sexo que foi atribuído à nascença. Ademais, indivíduos transgéneros apresentam características

mais diversas como as respectivas expressões de género e as identificações de género (Moleiro et al., 2023). Transgénero é um termo que se refere a várias identidades sociais e diversas expressões de género, englobando não só os indivíduos que realizam intervenções médicas de mudança de sexo (que se definem como homens ou mulheres transsexuais), como também os indivíduos que se identificam com o género oposto ao sexo que lhes foi atribuído à sua nascença (que se definem como homens ou mulheres transgénero), englobando também indivíduos cuja identidade não pertence à categorização de género binária (neste caso define-se não-binário), indivíduos que realizam atuações de “drag”, que tem uma expressão de género diversa e pessoas intersexo também (Billard, 2018). A transexualidade é representada por uma experiência de não congruência reconhecida a nível social, incongruência esta que ocorre entre a identidade de género e o sexo que é atribuído à nascença, como por exemplo uma mulher transsexual apresenta uma identidade de género feminina e o sexo atribuído à nascença foi o masculino.

Atitudes Face às Pessoas Transgénero

A atitude é um construto psicológico, que é definido por um modo de elaboração mental e é organizado através de uma experiência individual, sendo que a mesma exerce uma influência sobre a resposta individual face a diversos objetos ou contextos situacionais (Allport, 1935). Ademais, as atitudes podem ser caracterizadas como predisposições favoráveis ou desfavoráveis em relação a um objeto, indivíduo, acontecimento ou entidade (Azjen, 2008). As atitudes são descritas como um *constructo hipotético*, uma vez que não são observáveis de uma forma direta, mas de forma indireta, por serem explicativas do relacionamento entre o contexto do indivíduo e o seu comportamento, caracterizando assim atitude como uma inferência acerca do processamento psicológico interno (Lima, 2000).

Existem autores que definem as atitudes como uma tendência psicológica, entenda-se por isto uma definição que pretende enaltecer a diferença entre atitudes de outras dimensões hipotéticas, como por exemplo os comportamentos ou traços de personalidade. Ademais este construto de tendência psicológica refere um estado interno, que dispõe de uma certa persistência temporal diferindo assim de estados emocionais, que apresentam um carácter temporal passageiro e de traços de personalidade que possuem

um caráter temporal mais estável (Eagly & Chaiken, 1993). Quando se define este construto psicológico, existe sempre uma referência a objetos típicos, como por exemplo objetos que estão temporalmente presentes ou objetos temporalmente ausentes, ou seja, que são lembrados através de algo indicativo desse mesmo objeto (Lima, 2000).

Entre os diversos autores que estudam as atitudes existe um consenso face à caracterização de atitude, sendo que esta é expressa invariavelmente mediante um julgamento avaliativo, tendo assim a atitude uma dimensão avaliativa e uma expressão através de respostas avaliativas (Lima, 2000). Existem assim três categorias de expressão de atitudes, sendo estas, os estereótipos, que representam uma expressão a nível cognitivo, os preconceitos, que apresentam uma expressão a nível afetivo e a discriminação, através da qual se manifesta uma expressão a nível comportamental (Lima, 2000).

Existem atitudes implícitas ou explícitas, sendo que as atitudes implícitas são caracterizadas como associações que são ativadas automaticamente, ou por outras palavras, são atitudes às quais não se tem acesso consciente e cuja ativação não é controlada (Gawronski & Bodenhausen, 2007), em distinção surgem as atitudes explícitas que são caracterizadas como atitudes cuja expressão pode ser conscientemente controlada e trabalhada (Rydell et al., 2006). Estes tipos distintos de avaliação de atitudes refletem dois sistemas disjuntos através dos quais a informação é processada (Smith & DeCoster, 2000). A medição de atitudes ocorre normalmente através de escalas de atitudes, sejam estas medidas através de crenças, avaliações e opiniões de indivíduos face a um certo objeto, comumente a forma mais objetiva de acesso a este tipo de matéria cognitiva é através de auto-descrições de apreciação individual (Lima, 2000).

Sendo este construto uma variável psicológica importante, é pertinente compreender a definição de atitude na sua totalidade, Face ao presente estudo, é pretendido estudar como se manifestam as atitudes face a pessoas transgénero na população portuguesa. Assim, é pertinente a compreensão da manifestação atual de atitudes face a pessoas transgénero que se mostra com uma valência negativa, sendo estas caracterizadas como atitudes transfóbicas e ao longo dos últimos anos tem sido cada vez mais estudado o impacto que estas atitudes tem a nível psicológico e a nível social em pessoas transgénero, sendo observadas múltiplas manifestações de discriminação e preconceito em diversas áreas principais da vida de pessoas trans como por exemplo práticas incompetentes nos cuidados de saúde e (Bradford, Reisner, Honnold, & Xavier,

2013) a nível académico (Messman & Leslie, 2019), discriminação a nível laboral (Brewster, Velez, Mennicke, & Tebbe, 2014) e ainda temáticas preconceituosas a nível familiar (Fuller & Riggs, 2018).

Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo experienciam desigualdades significativas no setor da saúde (Zeeman et al., 2019). A redução de desigualdades no domínio da saúde é um objetivo fundamental, não só da saúde pública, como no setor privado, sendo esta redução mencionada pela União Europeia como um dos desafios mais importantes a abordar (Europe, 2010; Currie & Seddon, 2014). Diversas evidências sugerem que as pessoas LGBTI são mais suscetíveis do que a população em geral de relatar experiências desfavoráveis face aos cuidados de saúde, incluindo uma comunicação inadequada por parte dos profissionais de saúde e insatisfação com o tratamento e os cuidados recebidos (Pennant et al., 2009; Thyen et al., 2014).

Existem diversos autores que, numa tentativa de compreender a manifestação positiva ou negativa das atitudes face a pessoas transgénero, obtiveram resultados indicativos sobre a valência destas atitudes que era, não só, negativa como também preconceituosa, como por exemplo, estudantes de medicina das Caraíbas demonstraram atitudes negativas face a pessoas transgénero (Campbell et al., 2022), na população Filipina observou-se que pessoas heterossexuais cisgénero demonstraram um preconceito anti-trans mais significativo face a mulheres transsexuais do que homens transsexuais (Reyes et al., 2023). Estudantes de medicina na Coreia do Sul que tinham pares pertencentes a minorias sexuais demonstraram uma atitude mais positiva do que os que não tinham (Lee et al., 2021).

Em relação ao contexto laboral, existem diversos autores que exploram como se manifestam as atitudes face a contratações de pessoas transgénero, tal como as políticas organizacionais face a este grupo e ainda que consequências existem. Davis & Yeung (2022) realizaram uma revisão sistemática face à equidade no local de trabalho, nos Estados Unidos, sendo que esta investigação, mesmo que limitada, sugere que a maioria das pessoas transgénero enfrenta algum tipo de consequência adversa no local de trabalho. As consequências parecem ultrapassar limitações como a idade, o nível de instrução e a etnia, no entanto, isto não significa que os indivíduos não possam sofrer alguns resultados adversos no local de trabalho com base na respetiva idade, escolaridade ou etnia. Além disso, os resultados adversos no emprego são exacerbados por existir falta de equidade consistente entre pessoas transgénero em todo o espectro de empregos (Davis & Yeung,

2022). Analisando os rendimentos de pessoas transgénero, e tendo em conta que a maioria finalizou os seus estudos, as pessoas transgénero apresentam uma situação económica significativamente pior do que as pessoas cisgénero numa mesma situação (Golden et al., 2022, Shannon, 2022). Em relação a uma amostra representativa dos EUA, dados recentes indicam que indivíduos transgénero demonstram taxas de emprego significativamente mais baixas e taxas de pobreza mais elevadas, em comparação a indivíduos cisgénero em condições semelhantes (Carpenter et al., 2022).

Face ao contexto académico, em comparação com estudantes cisgénero, os estudantes transgéneros apresentam uma maior tendência de experienciar invisibilidade social, marginalização, vitimização, abuso físico, psicológico e verbal na escola (Airton & Koecher, 2019; Norris & Orchowski, 2020, Paechter et al., 2021). O *bullying* observado estava associado à assunção de que o sexo biológico e o género eram binários (Gegenfurtner, 2021). Embora os estudantes transgénero apresentem uma tendência vulnerável a experiências escolares transfóbicas, os estudos também descrevem diversos casos que demonstram uma redução de estigma face a este grupo (McCormack, 2012) e também o desenvolvimento de resistência, resiliência e empoderamento dos estudantes transgénero como técnicas utilizadas para navegar a cisnormatividade, o transpreconceito e o comportamento negativo face a pessoas transgénero no ambiente escolar (Hillier et al., 2020; Watson & Veale, 2018).

De acordo com Bilodeau (2009) os ambientes universitários produzem não só ambientes de carácter hostil para pessoas transgénero como reforçam normas binárias de género através de espaços divididos e caracterizados por sexo e normas de género implícitas. Muitos estudantes transgénero são vítimas de discriminação e assédio durante o seu percurso universitário, o que possivelmente tem implicações para o seu sucesso académico e para a sua adesão académica (Grant et al., 2011). O “U.S. Transgender Survey”(USTS), ou o Questionário Transgénero dos Estados Unidos, que foi um inquérito realizado a mais de vinte e seis mil adultos transgénero, concluiu que um quarto dos inquiridos, que se assumiram na altura ou que foram percecionados como indivíduos transgénero, relataram ter sido vítimas de assédio verbal, físico ou sexual nesse período das suas vidas, sendo que 16% dos alunos transgénero que sofreram assédio desistiram da faculdade devido ao ocorrido (James et al., 2016).

O Inquérito Nacional sobre a Discriminação dos Transgéneros (Grant et al., 2011), que obteve quase sete mil inquiridos transgénero, concluiu que os indivíduos que

frequentaram a faculdade, uma pós-graduação, uma escola profissional ou escola técnica evidenciaram taxas elevadas de tratamento negativo por parte de outros estudantes, de professores e de funcionários, incluindo assédio e *bullying*, correspondendo a uma percentagem de 35%.

Para além do mencionado anteriormente, existem atitudes preconceituosas que advêm do cerne familiar face a pessoas LGBT e as primeiras investigações sobre as relações das pessoas transgénero com os membros da família imediata e alargada se centraram principalmente na rejeição familiar, e o seu impacto no bem-estar das pessoas transgénero. Lewins (1995), por exemplo, num primeiro estudo australiano realizado com 50 mulheres transgénero, verificou que a potencial rejeição por parte das famílias de origem poderia levar a resultados negativos em termos de saúde mental, associados ao retardamento do início da transição para apaziguar os familiares. Lewins (1995) sugere que este facto se verificou especialmente para as mulheres mais jovens da amostra que estavam mais dependentes do apoio das suas famílias; no entanto, a nível geral, os participantes indicaram que o risco de perder o apoio da família apresentou bastante importância nas suas decisões de começar o processo de transição.

De modo igual, a investigação inicial realizada nos Estados Unidos, conduzida por Gagné e Tewksbury (1998) com 65 mulheres transgénero que referiram que a rejeição por parte dos membros da família era um tema comum: muito mais comum do que a aceitação. O carácter controverso das relações familiares de pessoas transgénero pode ser amplamente compreendido através da lente do cisgenderismo: a ideologia que deslegitima a compreensão que as pessoas têm do seu corpo e género (Ansara & Hegarty, 2014; Shelton, 2015; Ansara & Berger, 2016). O cisgenderismo determina se o género é ou não observado como imutável, se mais do que dois géneros binários são vistos como legítimos, e se ser ou não ser transgénero é considerado uma patologia (Fuller & Riggs, 2018).

Num estudo realizado por Fuller e Riggs (2018) os participantes referiram níveis moderados de apoio familiar face ao género, sendo que os participantes não binários referiram os níveis mais baixos de apoio familiar relacionado com o género. Os participantes cujas famílias forneceram maior apoio relacionado com o género relataram maior resiliência e níveis mais baixos de sofrimento psicológico; no entanto, os participantes que relataram níveis mais elevados de discriminação relacionada com o género por parte das suas famílias relataram maior sofrimento psicológico. Os resultados

deste estudo sugerem que a proximidade emocional com a família pode ajudar a atenuar os efeitos da discriminação geral no sofrimento psicológico (Fuller & Riggs, 2018).

Vários estudos têm como principal foco a compreensão do impacto de algumas variáveis sociodemográficas sobre o transpreconceito, variáveis estas como o sexo, o género, a religiosidade, a orientação sexual, as habilitações académicas e ainda variáveis como o contacto intergrupar (Kanamori & Xu, 2022). Relativamente ao impacto do sexo sobre o estigma direcionado a pessoas trans é conhecido que pessoas do sexo masculino apresentam uma atitude mais transfóbica (Brassel & Anderson, 2019; Fisher et al., 2017) e mais homofóbica (Nagoshi et al., 2008) do que pessoas do sexo feminino. Face ao impacto da idade na atitude transfóbica sabe-se que pessoas mais velhas apresentam uma atitude mais negativa face a pessoas transgénero (King et al. 2009; Landén & Innala 2000).

Diversas investigações indicam que o género, as opiniões políticas e a religiosidade predizem de alguma forma o transpreconceito, como exemplificado, os homens são mais propensos do que as mulheres a expressar transpreconceito, no entanto, tanto os homens como as mulheres apresentam maiores níveis de transfobia se possuírem visões tradicionais de género (como por exemplo, a crença de género binário), tal como as pessoas que subscrevem ideologias políticas conservadoras e as que têm crenças religiosas conservadoras ou se identificam como religiosas (Costa & Davies, 2012; Hill & Willoughby, 2005; Norton & Herek, 2013; Willoughby et al., 2010).

Foi interpretado por Nagoshi et al., (2008) que a aderência a normas tradicionais de género, em específico na atribuição de papéis de género, surge como uma variável preditora da transfobia, mas menor em relação à homofobia nas mulheres, enquanto nos homens prediz tanto a transfobia como a homofobia o que remete para a interpretação de que a identificação da própria orientação é um problema menor para as mulheres do que para os homens. Por consequente, observa-se que pessoas homossexuais e bissexuais demonstram menor homofobia e transfobia do que pessoas heterossexuais (Amigo-Ventureira et al., 2025). Do mesmo modo, assumindo que o sexismo surge como um preditor de estigma sexual, estudos demonstram que geralmente homens heterossexuais apresentam atitudes mais negativas face a pessoas homossexuais do que mulheres (Davies 2004) interpretando desta forma que a atitude negativa da população masculina, face a esta minoria sexual, poderá fazer parte da adesão profunda dos homens a sistemas mais tradicionais relativamente às crenças de género (Fisher et al., 2016).

O perfil sociodemográfico descrito como normativo que melhor descreve as relações das variáveis sociodemográficas com a atitude transfóbica é um perfil do sexo masculino, heterossexual, a falta de contacto com pessoas trans e ainda ser mais velho (sendo que a idade foi um fator influenciador apenas na escala de “Atitudes Negativas face a pessoas Trans” do estudo, Garcia-Acosta et al., 2020).

Surpreendentemente, o nível de educação não apresentou uma relação significativa com a transfobia no estudo de Garcia-Acosta et al (2020) o que foi interpretado pelos autores como uma indicação de que níveis mais altos de educação não funcionam como um fator de proteção contra o preconceito. Porém Fisher et al (2016), no seu estudo, observou que um baixo nível de educação se encontrava associado com níveis mais levados de preconceito e transfobia. Existem poucos estudos que abordem a influência do nível de educação diretamente na atitude transfóbica, o que realça a importância científica de estudar o impacto desta variável na atitude transfóbica.

Relativamente à temática da religião, é assumido que as bases religiosas fomentam ensinamentos de paz, amor e tolerância (Johnson et al., 2012) e, por consequente, pelo menos com base nesses mandamentos específicos, as religiões funcionam de modo a promover a pró-socialidade intergrupar. Porém, estudos sobre religião e atitudes a nível social revelaram, de uma forma deveras paradoxal, que a religião se manifesta como um preditor de anti-socialidade intergrupar ou, por outras palavras, a religião tendencialmente prevê a maioria das formas de preconceito (Campbell et al., 2019). Quando se conceptualiza a religião em termos de afiliação religiosa auto-relatada (ou seja, judaica, muçulmana, cristã, entre outras), os indivíduos afiliados religiosamente demonstram atitudes mais negativas contra uma variedade de grupos sociais do que os indivíduos que não são afiliados religiosamente (Allport, 1954; Shariff et al., 2016). Campbell et al., 2019, aborda a temática da religião, afirmando que a auto identificação com ser religioso ou cristão surge associada ao aumento de preconceito face a pessoa trans em comparação com pessoas não religiosas, ademais é observado que formas específicas de religião surgem associadas a um maior transpreconceito, em específico, as diversas interpretações da bíblia, idas à missa consistentes e ainda fundamentalismo religioso.

Em termos de transpreconceito, pesquisas recentes documentaram que os indivíduos afiliados à religião apresentam menos conforto interpessoal (Kanamori et al., 2017) e apresentam atitudes mais negativas em relação às pessoas transgénero do que os indivíduos não religiosos (Solomon & Kurtz-Costes, 2018). As atitudes sociais

relacionadas com o transpreconceito apresentaram padrões semelhantes nos quais os indivíduos com afiliação religiosa tendem a ser mais preconceituosos contra homens gays e mulheres lésbicas (cristianismo: Whitehead, 2014; muçulmanos: Anderson & Koc, 2015) e apoiam menos os direitos dos homossexuais (por exemplo, Anderson, Koc, & Falomir-Pichastor, 2018) e a igualdade no casamento (por exemplo, Anderson, Georgantis, & Kapelles, 2017) do que os indivíduos não religiosos.

Como teorizado pelo modelo de Stress de Minorias (Meyer, 1995), pessoas gays, lésbicas, bissexuais, transgênero, *queer* ou que questionam a sua sexualidade e, ou, identidade de gênero são pessoas que pertencem a um grupo socialmente excluído devido à opressão e à violência estrutural do qual são alvo (Herrick & Duncan, 2018; Kidd & Witten, 2007). Este grupo apresenta uma adolescência com mais desafios em comparação com indivíduos com orientação heterossexual, devido à existência de normas institucionais e normas sociais heteronormativas (Almeida et al., 2009; Birkett et al., 2014) tendo igualmente um maior risco no desenvolvimento de problemas psicológicos, caracterizando assim o grupo LGBTQIA+ como um grupo vulnerável na sociedade, tanto na sua adolescência como também na vida adulta (Wilson & Cariola, 2020).

Diversos estudos relatam que a atitude face a pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgênero é preconceituosa, apresentando uma expressão comportamental discriminatória, impactando na saúde mental de jovens que pertencem a este grupo (Lothwell et al., 2020), aumentando o risco de depressão, a intenção suicida, abuso de substâncias e perturbações de ansiedade (Mongelli et al., 2018). A preocupação recai, sobretudo, sobre taxas elevadas de ideação suicida e tentativas de suicídio nesta minoria sexual (Testa et al., 2017). Ademais existem diversos fatores de risco associados, como *bullying*, a rejeição familiar, falta de apoio institucional, sendo que estes fatores atuam a um nível social tendo por base as interações familiares e com pares (Stephen & Fish, 2016). Para além do mencionado, as minorias sexuais (lésbicas, gays, bissexuais, transgênero) são alvo de crimes de ódio violentos tendo um impacto adverso na saúde mental e física das vítimas (Flores et al., 2022).

Estudos realizados em diferentes países identificaram correlações demográficas e potenciais origens psicológicas de atitudes negativas face aos membros do grupo LGBT. alguns em específico de pessoas transgênero (Norton & Herek, 2013), como por exemplo, evidências de atitudes mais negativas face a pessoas transgênero em homens do que em mulheres numa amostra da população de Canadá (Hill and Willoughby 2005) e nos

Estados Unidos (Nagoshi et al. 2008). No entanto, além de obterem informações importantes sobre este tema, são poucos em número, sendo que a maior parte destes estudos foram conduzidos com amostras não probabilísticas. Para além disso a maior parte dos estudos realizados baseiam-se maioritariamente ou exclusivamente em amostras de estudantes universitários e desta forma é desconhecida a generalização das conclusões dos respetivos estudos para a população estudada (Norton & Herek, 2013).

A juventude LGBT manifesta necessidades de desenvolvimento semelhantes à população a nível geral, existindo, no entanto, temáticas específicas à saúde mental e física deste grupo (Adelson & Schuster, 2016). É relevante mencionar a existência de uma maior preponderância de desenvolvimento de perturbações psicológicas neste grupo em específico, como depressão, ansiedade, abuso de substâncias (Mustanski et al., 2010). A maioria da literatura sobre a saúde mental de pessoas LGBT refere que como resultado da violência, psicológica e, ou, física, direcionada a estes indivíduos, todos os subgrupos demonstram uma maior prevalência de desenvolver perturbações psicológicas como stress, intenção suicida, como também um elevado risco de desenvolver psicoses ou perturbações psicóticas (Carmel & Erickson-Schroth, 2016; Kidd et al., 2016).

O estudo de Copp & Koehler (2017) realizado sobre as atitudes face aos estudantes universitários identificados como LGBT, identificou diversos fatores demográficos fundamentais que surgem como mediadores das atitudes tais como o género, no qual o género feminino é associado a atitudes mais positivas face às pessoas LGBT; a identificação LGBT, no qual os indivíduos identificados como pertencentes ao grupo LGBT demonstraram atitudes mais positivas face às pessoas LGBT, em comparação com indivíduos heterossexuais ou cisgénero; a idade, na qual os estudantes mais velhos demonstraram ter atitudes mais positivas face a pessoas LGBT; no entanto face à etnia, os resultados deste estudo não encontraram qualquer associação entre a etnia e as atitudes em relação às pessoas LGBT. Verificou-se que estes fatores demográficos desempenharam um papel importante na formação das atitudes em relação às pessoas LGBT entre os estudantes universitários (Copp & Koehler, 2017).

Estereótipos de Género

Compreendendo na totalidade o impacto negativo que as atitudes transfóbicas apresentam para pessoas transgénero é possível postular uma associação aos estereótipos

de género de forma a compreender como funciona a criação de estereótipos de género e a sua relação com transpreconceito. Desta forma é crucial a compreensão dos estereótipos de género como uma perceção previamente concebida face a particularidades de um grupo específico, como por exemplo a forma de agir e ser deste grupo, existindo uma linha ténue entre o preconceito e o estereótipo que é criado (Eagly & Steffen, 1984). As observações de comportamentos de mulheres e homens têm sido registadas ao longo da história do ser humano, e estes comportamentos são observáveis em diferentes papéis sociais que contribuem para a formação de crenças sociais sobre o género, sendo estas denominadas de atitudes face a papéis de género, ideologias de género (Davis and Greenstein, 2009) ou estereótipos de género (Bosak et al., 2018; Eagly et al., 2020; Lopez-Zafra and Garcia-Retamero, 2021). De acordo com Allport (1954) a aplicação de estereótipos é útil para alguns indivíduos face à atribuição de contexto à pertença grupal, seja a mesma religiosa, cultural ou de género, no entanto a categorização de certos indivíduos com base em informação reduzida ou até errónea pode ser prejudicial (Greenburg and Gaia, 2019).

Mesmo com o avanço do papel da mulher no âmbito laboral, ainda existem diferenças entre homens e mulheres respetivamente ao salário atribuído, ao avanço de carreira e diferenças na atribuição de oportunidades (Manzi et al., 2024). De acordo com as ocupações que tem sido tradicionalmente atribuídas ou dominadas por homens e, ou, são observadas como sendo atribuídas meramente ao género masculino, as mulheres ainda permanecem pouco representadas em diversos campos “masculinos” (Penner et al., 2023). Ademais os estereótipos de género criam barreiras para a entrada das mulheres em áreas de trabalho caracterizadas como “masculinas” e também estão na génese de dificuldades das mulheres quando adquirem um posicionamento laboral caracterizado como “masculino” (Heilman et al., 2024).

O Generismo é definido como a crença de que o género é caracterizado como binário, ou seja, defende a existência de apenas dois géneros, o feminino e o masculino, podendo até ser caracterizado como uma ideologia que acaba por reforçar negativamente a perceção da não conformidade de género ou da incongruência existente entre género e sexo (Hill & Willoughby, 2005). O Transgenerismo cobre um espectro diverso de pessoas que não se conformam com os papéis e os comportamentos de género pré-definidos, incluindo indivíduos que apresentam comportamentos legitimados do sexo oposto, travestis, e ainda pessoas que realizam procedimentos médicos de resignação sexual

(Costa & Davies, 2012). O conceito de transfobia está associado a um sentimento de repulsa ou nojo emocional que é direcionado para mulheres masculinas, homens femininos, travestis, indivíduos transgêneros e, ou, pessoas transsexuais (Hill and Willoughby, 2005). Desta forma, o construto de transpreconceito é teorizado a partir de um movimento internalizado de estigma face a pessoas transgênero, praticado por indivíduos heterossexuais (Herek, 2004 cit por King et al., 2009) e tem por base uma valorização negativa, estereótipos e atitudes discriminatórias face a indivíduos não conformes e não heteronormativos (King, et al., 2009).

Para melhor compreensão desta temática é necessário compreender algumas teorias sobre os estereótipos de género como a teoria dos Papéis Sociais (Eagly & Wood, 1987, 1991), a teoria da Aprendizagem Social (Bandura, 1977), a teoria do Desenvolvimento Cognitivo (Kohlberg, 1966), a teoria do Esquema de Género (Bem, 1981), a teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1979), a teoria Evolucionista (Buss, 1989) e a Teoria *Queer* do Género (Butler, 2002). No entanto, no presente estudo há um foco principal em duas teorias, na teoria dos Papéis Sociais de Eagly e Wood (2012) e a teoria *Queer* do Género de Butler (2002).

Eagly e Wood (2012) desenvolveram a teoria dos Papéis Sociais, na qual abordam as diferenças e as semelhanças comportamentais face ao sexo de um indivíduo. Nesta teoria o pressuposto principal é de que as diferenças de género observáveis nos diversos comportamentos e atitudes são maioritariamente influenciadas pela expectativa social e pelos papéis sociais que as mulheres e os homens desempenham na sociedade, desta forma os papéis de género manifestam-se como construções sociais através das diversas divisões a nível profissional entre os sexos, ao invés de meros reflexos de divergências biológicas. Relativamente à divisão de papéis profissionais entre os sexos, foram inferidos papéis de género diferenciados, como por exemplo foram atribuídos ao homem papéis tradicionais de exigência física e relacionados com atividades fora do contexto doméstico, sendo caracterizados como comportamentos orientados para a tarefa, enquanto às mulheres foram atribuídos papéis de cuidadoras e atividades domésticas, sendo estes papéis caracterizados como comportamentos socioemocionais. Ao aprofundar esta divisão de papéis profissionais foi observável a génese de expectativas sociais sobre o comportamento adequado para mulheres e homens, fundamentando assim estereótipos de género, aos homens foram atribuídas características como a dominância,

a assertividade e independência e às mulheres foram atribuídas características como o papel de cuidadora, a cooperação e a expressão emocional.

Desde o mais recente movimento feminista, é observado que a igualdade de género tem sido um objetivo social deveras importante para muitas pessoas e Eagly & Wood (2012) pressupõe que foram estas mudanças sociais e económicas, como também a entrada das mulheres no mercado de trabalho durante o século vinte, que desafiaram e modificaram os papéis tradicionais de género da época. No entanto os estereótipos de género persistem face à inércia cultural existente e às diversas estruturas institucionais que reforçam indiretamente os papéis de género tradicionais (Eagly & Wood, 2012). A teoria de Eagly & Wood (2012) explica como a manutenção dos estereótipos de género ocorre mesmo face a mudanças sociais significativas, mas realça principalmente a flexibilidade dos papéis de género, sugerindo que a mudança de papéis e de expectativas sociais pode implicar uma redução de estereótipos de género e promover maior equidade entre mulheres e homens.

Relativamente a outra teoria explicativa dos estereótipos de género Butler (2002) surge como uma autora central na Teoria Queer, teoria que explora de que forma as categorias de identidade de género são flexíveis, contestáveis e mutáveis, afirma que o género é socialmente construído e desta forma o género não é o resultado causal do sexo nem determinado pelo sexo. Butler (2002) encara o género como uma performance contínua, algo que transparece através de atos reiterados, gestos e comportamentos que acompanham normas culturais representativas, encarando o género como algo regularmente construído e reconstruído. Para além disso, Butler (2002) aborda a desconstrução do binarismo de género, argumentando que tanto o sexo como o género são construções sociais, aborda também a subversão e a resignificação, sendo a subversão uma possibilidade dentro da performatividade de género, na qual ao existir uma fuga às normas tradicionais de género os indivíduos podem modificar as normas atuais, o que remete para a resignificação das normas de género, existindo assim um espaço de maior diversidade de expressão de género, emancipando assim o reconhecimento e validação de identidades de não-conformidade de género.

Butler (2024) defende uma proposta particularmente interessante postulando que o desejo de restauração do privilégio masculino serve diversos propósitos, sendo caracterizado como a génese de uma proposta social de reprodução de um passado ideal,

que quando reativado tem como fim a tentativa de eliminação, ou mesmo eliminação total, as diversas minorias sexuais e as de género.

Objetivos do Estudo

É importante compreender que a ideia principal atribuída a atitudes anti-LGBTQ passa por componentes específicos de categorização e estereotipagem através da consideração do construto de género como binário, ou seja, apenas a existência de masculino e feminino (Greenburg and Gaia, 2019). Indivíduos que acreditam na existência do conceito de género como binário ou dicotómico apresentam uma maior probabilidade de conceber perceções negativas face a pessoas LGB e a identidades transgénero (Norton & Herek, 2012; Tee & Hegarty, 2006). Em específico, indivíduos que compreendem o género como binário apresentam uma maior probabilidade de ter sentimentos e atitudes negativas face à comunidade LGBT (Norton & Herek, 2012). Associada à conceptualização de género como binário surgem as ideias de papéis de género masculinos e femininos, que representam certos tipos de características associadas a cada sexo (Greenburg and Gaia, 2019).

Ademais, a teoria do Stress Minoritário defende que os fatores de stress social que advém de identidades estigmatizadas são responsáveis pelo pior funcionamento psicológico e por um bem-estar comprometido entre as populações marginalizadas (Meyer, 1995, 2003). Esta teoria é um modelo concetual que é particularmente relevante para uma melhor compreensão da discriminação experienciada pelas pessoas transgénero, visto que estão expostas a preconceito e assédio, stressores distais que surgem relacionados com sintomas de sofrimento a nível psicológico, como ansiedade, depressão e intenção suicida, problemas a nível de saúde física prejudiciais (Reisner et al., 2014) e como stressor proximal a transfobia internalizada, que advém de uma incorporação transposta para o autoconceito do próprio da avaliação negativa que a sociedade realiza sobre pessoas trans (Testa et al., 2012). Em suma, a transfobia é merecedora de investigação e de aprofundamento, não só pelo impacto negativo que têm em pessoas transgénero, mas porque surge relacionada a outras formas de opressão, como o racismo, o classicismo, o sexismo, relações que são aprofundadas através da teoria da interseccionalidade (Crenshaw, 1989).

Existem relativamente poucos estudos em Portugal, sobre a relação entre Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia, enaltecendo apenas um estudo que não retrata diretamente a temática, mas aborda as atitudes dos adolescentes portugueses face a minorias sexuais incluindo a transfobia, no qual foi verificado que as atitudes de adolescentes face a pessoas transgénero são expostas de forma negativa, considerando-se atitudes de natureza transfóbica (Costa & Davies, 2012). Ademais, este estudo verificou que os indivíduos que apresentaram atitudes negativas face a pessoas transgénero, apresentavam também atitudes negativas face a outras minorias sexuais como lésbicas e gays, demonstrando uma tendência para papéis de género tradicionais (Costa & Davies, 2012). . Para além disso, mais atualmente, Carvalho (2010) estuda as experiências transsexuais e o processo de transição, Marques (2019) estuda as narrativas de pessoas transgénero face à sua componente comportamental, Martins et al (2019) estudou a resposta ao tratamento de 85 participantes com disforia de género. Será então crucial compreender como a observação de estereótipos de género surge face a atitudes transfóbicas e perceções de género diferenciadas, para compreender se ainda existe um pensamento estigmatizado e preconceituoso na população portuguesa face a pessoas transgénero

O objetivo do estudo é compreender de que forma se manifesta a relação entre estereótipos de género e atitudes transfóbicas e que fatores que influenciam as atitudes de adultos da população portuguesa face a pessoas transgénero, tendo por base o eixo do generismo e transfobia e algumas características sociodemográficas da população.

Questão de investigação: Como se manifesta a relação entre estereótipos de género e transfobia e que fatores influenciam esta relação?

Método

A presente investigação faz parte de um estudo criado pela Professora Doutora Isabel Leal, denominado de Generalid@des (2023), que visou estudar questões de identidade de género e de orientação sexual através de inquérito por questionário.

Trata-se de um estudo exploratório, por ser orientado para a descoberta de conteúdo científico possivelmente inovador, e porque visa estudar a questão de como é que a atitude varia consoantes diversas características sociodemográficas e como é que a atitude se manifesta na relação com os estereótipos de género, procurando identificar múltiplas ligações possíveis entre variáveis.

É também caracterizado como um estudo observacional analítico transversal, por existir uma tentativa de compreender o porquê de a população portuguesa apresentar certas características face à temática principal do estudo e porque se procura explicar os resultados obtidos através de correlações entre algumas variáveis do presente estudo em apenas um momento temporal (Ribeiro, 1999), sem qualquer tentativa de intervenção ou manipulação dos comportamentos observados.

Ademais, apresenta um desenho e uma análise correlacional, sendo que um dos objetivos principais é compreender a relação entre duas ou mais variáveis (Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia) e estudar o efeito que o aumento ou diminuição que cada variável tem uma sobre a outra (Barker et al., 2015).

Utilizou-se uma técnica de amostragem não probabilística, de conveniência e em bola de neve, na medida em que o estudo foi redirecionado por diversos informadores iniciais que por si só partilharam com um conjunto relativo de participantes (Ribeiro, 1999).

Participantes

Os dados do presente estudo foram recolhidos online no âmbito do Generalid@des e obteve-se um total de 802 participantes. Foram excluídos participantes menores de 18 anos de idade e participantes que não residem em Portugal há pelo menos um ano.

Desta forma, a amostra final do presente estudo contemplou participantes com idade entre 18 e 93 anos de idade, com média de idades de 32,75 anos.

Caraterizou-se por ser uma amostra maioritariamente composta por pessoas do sexo feminino, com a 73,7% participantes do sexo feminino (591 participantes) e 26,3% participantes do sexo masculino (211 participantes). Relativamente ao género, 72,8% participantes identificaram-se com o género feminino (584 participantes) e 26,3% participantes identificaram-se com o género masculino (211 participantes) e apenas 4 participantes identificaram-se como não binário, 1 em não conformidade de género e 1 como agénero. Ademais, a amostra é composta por 667 participantes de orientação heterossexual e 50 participantes de orientação homossexual, 62 participantes de orientação bissexual e 23 participantes na categoria de “outros tipos de orientação sexual” como 2 participantes demissexuais, 1 participante heteroflex, 11 participantes pansexuais, 3 participantes que se identificaram como queer e um participante que não sabe qual a sua orientação sexual.

Relativamente às habilitações literárias, 1,2% da amostra terminou apenas o ensino básico (10 participantes), 24,2% terminaram o ensino secundário (194 participantes), 50,9% apresentam como terminada uma licenciatura (408 participantes), 19,2% obtiveram o grau de mestre (154 participantes), 2,2% dos participantes com doutoramento finalizado (18 participantes) e os 2,2% (18 de participantes) restantes eram relacionados a habilitações académicas como cursos profissionais, cursos técnico superiores profissionais e de pós-graduação.

Em relação à zona de residência, a amostra foi extremamente diversa e pouco representativa da dispersão regional da população portuguesa existindo uma maior concentração da amostra na zona urbana de Lisboa que corresponde a 66,8% da amostra total recolhida, 17,1% corresponde à zona de Setúbal, 6,6% à zona de Santarém, 2,1% à zona do Porto e os restantes 7,4% da amostra correspondem às zonas de Aveiro, Beja, Braga, Castelo Branca, Coimbra, Évora, Faro, Leiria, Portalegre, Viana do Castelo, Viseu, Madeira em percentagens menores ou iguais a 1,5% em comparação à amostra total.

Face à situação profissional dos participantes, sabe-se que 35,3% (283 participantes) da amostra corresponde a estudantes, 57,6% (462 participantes) corresponde a indivíduos ativos a nível profissional, 4,2% (34 participantes) da amostra representa pessoas desempregadas e 2,9% (23 participantes) da amostra representa indivíduos reformados

Em termos de crenças religiosas, obteve-se uma amostra de 45,8% (367 participantes) de indivíduos não religiosos, 27,6% (221 participantes) religiosos não praticantes, 19,7% (158 participantes) indivíduos cristãos, 3,4% (27 participantes) preferiram não mencionar quais as suas crenças religiosas e ainda 3,6% (29 participantes) de outras afiliações religiosas como a religião judaica, muçulmana, espiritualidade, budismo, entre outros termos.

Tabela 1

Estatística Descritiva da Amostra.

	<i>N</i>	%
Idade (<i>M, DP</i>)	32.75	13.41
Sexo		
Feminino	591	73,7
Masculino	211	26,3
Orientação Sexual		
Heterossexual	667	83.2
Homossexual	50	6.2
Bissexual	62	7.7
Outro	23	2,9
Habilitações Literárias		
Ensino Básico	10	1.2
Ensino Secundário	194	24.2
Licenciatura	408	50.9
Mestrado	154	19.2
Doutoramento	18	2.2
Outro	18	2.2
Zona de Residência		
Aveiro	3	0.4
Beja	3	0.4
Braga	3	0.4
Castelo Branco	6	0.7
Coimbra	12	1.5
Évora	5	0.6
Faro	6	0.7
Leiria	12	1.5
Lisboa	536	66.8
Portalegre	1	0.1
Porto	17	2.1
Santarém	53	6.6
Setúbal	137	17.1
Viana do Castelo	2	0.2
Viseu	3	0.4
Madeira	2	0.2
Outra	1	0.1

Situação Profissional		
Estudante	283	35.3
Ativo(a)	462	57.6
Desempregado(a)	34	4.2
Reformado(a)	23	2.9
Crenças Religiosas		
Não sou religioso(a)	367	45.8
Religioso(a), não praticante	221	27.6
Cristão	158	19.7
Prefiro não responder	27	3.4
Outro	29	3.6

Instrumentos

O questionário de investigação do estudo Generalid@des continha diversos instrumentos: Escala de Duplo Padrão Sexual (Amaro et al., 2023), Escala de Estereótipos de Género (Leal, 2023), Escala de Igualdade de Género (Leal, 2023) e uma versão reduzida da Escala de Generismo e Transfobia (Tebbe et al., 2014) que foi adaptada para português. Para o presente estudo foram apenas utilizadas a Escala de Estereótipos de Género (Leal, 2023) e a Escala de Generismo e Transfobia (Tebbe et al., 2014).

Questionário Sociodemográfico

No início do questionário de investigação, encontravam-se perguntas face à idade, ao género, ao sexo, à orientação sexual, às habilitações, à religião e à zona de residência. Cada uma destas informações, foi utilizada no presente estudo como uma variável sociodemográfica. A importância de obtenção destas variáveis recai sobre a possibilidade de compreender o tipo de relação ou impacto sobre as principais variáveis abordadas no presente estudo.

Escala de Estereótipos de Género

A Escala de Estereótipos de Género foi criada pela Professora Doutora Isabel Leal para o estudo Generalid@des (Leal, 2023). A escala de consiste em 14 itens no total, tendo uma estrutura unidimensional obtida após análise fatorial exploratória e confirmatória, esta última com valores adequados nos índices de avaliação da qualidade

de ajustamento do modelo: $X^2 = 162.146$, $df = 73$, $X^2/df = 2.221$, $NFI = 0.918$, $TLI = 0.94$, $CFI = 0.953$, $RMSEA = 0.039$ (Maroco, 2010).

Os itens foram criados com o intuito de representar possíveis características associadas a estereótipos de género femininos e masculinos, sendo que 9 itens (“Organização”, “Submissão”, “Romantismo”, “Responsabilidade”, “Sensibilidade”, “Atenção”, “Emotividade”, “Elegância”, “Cuidador”) correspondem a estereótipos femininos e 5 itens (“Imaturidade”, “Agressividade”, “Autoritarismo”, “Individualismo”, “Promiscuidade”) correspondem a estereótipos masculinos. O formato de resposta, em escala de Likert de 1 a 5 pontos: a avaliação de 1 corresponde a “mais feminino”, 2 a “feminino”, 3 a “neutro”, 4 a “masculino” e 5 a “mais masculino”.

A escala apresenta um alpha de Cronbach de 0,795, que é indicativo de uma boa consistência interna, isto é, que os itens da escala apresentam a capacidade de avaliar e medir o mesmo atributo subjacente, neste caso medir a existência de estereótipos de género femininos ou masculinos, ou estereótipos de género neutros (Pallant, 2020).

A escala permite obter um valor total médio, 14 e 70. De forma a melhor interpretar a escala, é de realçar que valores mais próximos de um valor médio de 3 refletem uma ausência de estereótipos de género e valores mais próximos dos limites (superior ou inferior) refletem a presença de uma visão mais estereotipada do género.

Escala de Generismo e Transfobia

A Escala de Generismo e Transfobia (“Genderism and Transphobia Scale”), uma escala desenvolvida por Hill & Willoughby (2005), é única face à avaliação de atitudes negativas e na propensão para comportamentos discriminatórios e violência face a pessoas transgénero. Foi concebida de modo a avaliar atitudes, valores, crenças e comportamentos em relação a uma vasta gama de não-conformidades de género. A escala demonstrou propriedades psicométricas válidas e é considerada uma ferramenta útil para medir a antipatia em relação a indivíduos que mudam de género.

A escala inclui um total de 32 itens, de tipo Likert (1 a 7) divididos em duas subescalas: Generismo/Transfobia e *Gender-bashing*. A subescala Generismo/Transfobia centra-se maioritariamente nas atitudes face aos indivíduos transgénero, incluindo crenças negativas e comportamentos discriminatórios. A subescala *Gender-Bashin* avalia os comportamentos que envolvem violência ou agressão contra indivíduos com

base na sua identidade de género ("Já me comportei de forma violenta contra um homem porque ele era demasiado feminino.") (Hill & Willoughby, 2005).

No presente estudo foi utilizada uma versão reduzida da Escala de Generismo e Transfobia (Tebbe et al., 2014) que mantém a estrutura de dois fatores da escala original, centrando-se nas atitudes negativas e na propensão para a violência contra indivíduos transgéneros (Tebbe et al., 2014). A subescala Generismo e Transfobia da versão reduzida (Tebbe et al., 2014) avalia expressões mais graves de atitudes preconceituosas, como observar as pessoas transgénero de forma negativa e capta os domínios principais da escala original de Hill & Willoughby (2005) face ao prejuízo emocional e predisposição para a agressão, e também a dimensão emocional e cognitiva face ao generismo e à transfobia. Por outro lado, a subescala *Gender-bashing* mantém-se consistente nas duas versões.

Apesar de ter apenas 13 itens, a versão reduzida da escala de Generismo e Transfobia mantém uma fiabilidade e validade semelhantes às da escala original (sendo a consistência interna da escala original era 0,95). A consistência interna da escala total, medida através do alfa de Cronbach, é de 0,91 sendo muito boa, para além disso apresenta uma consistência interna na subescala de Generismo e Transfobia de 0,95 e para a subescala *Gender-bashing* apresenta um coeficiente de 0,84, o que revela uma boa consistência interna e com a capacidade de captar de forma eficaz atitudes e comportamentos relacionados com o preconceito de pessoas transgénero.

A versão abreviada da escala, com 13 itens, é uma opção mais concisa para medir as atitudes ao mesmo tempo que fornece resultados fiáveis e válidos (Tebbe et al., 2014). Para além disso, este é um instrumento de medição de autorrelato, que se insere numa categoria das escalas de tipo Likert numa escala que varia de 1 a 7, em que 1 representa "discordo totalmente" e 7 representa "concordo totalmente". Desta forma pontuações mais elevadas representam uma atitude mais transfóbica. Este formato permite uma avaliação quantitativa das atitudes em relação aos indivíduos transgénero, fornecendo aos dados numéricos que podem ser analisados estatisticamente (Tebbe et al., 2014).

É de realçar que a versão reduzida apresenta duas subescalas: a subescala de "Generismo/Transfobia" (9 itens) e a subescala "Gender-bashing" (5 itens). A versão reduzida da escala de Generismo e Transfobia (Tebbe et al., 2014) foi traduzida para português para o presente estudo.

Procedimento

A amostra foi recolhida por inquérito por questionário através de formulário online, divulgado quer em redes sociais – *Instagram*, *Facebook*, *WhatsApp* e *LinkedIn* – como através de email para diversas instituições com intervenção no âmbito da orientação sexual e identidade de género. O formulário foi criado na plataforma *Qualtrics* (Anexo I) e uma condição essencial para o seu preenchimento foi a resposta positiva ao consentimento informado apresentado no início do formulário. O período de recolha de dados teve uma duração de cinco meses, iniciando-se em dezembro de 2023 até ao mês de abril de 2024.

Análise de Dados

Para análise de dados utilizou-se o *software* estatístico SPSS, versão 30, com dados exportados da plataforma *Qualtrics*, através do qual foi partilhado o respetivo questionário.

Iniciou-se a análise de dados pela estatística descritiva das escalas, recorrendo-se a medidas de tendência central (média) e de dispersão (desvio-padrão), que permitiram compreender como se manifestam os comportamentos mais típicos observados no presente estudo.

Considerando que a escolha dos testes de estatística inferencial depende da normalidade dos dados, para o presente estudo foi utilizado o Teorema do Limite Central face à verificação do pressuposto de normalidade para amostras superiores ou iguais a 30 (Laureano, 2011). O Teorema do Limite Central refere que a distribuição da média da amostra tende para uma distribuição normal face ao crescimento do tamanho da amostra e, face ao pressuposto referido anteriormente, considera-se que a presente amostra ($n=802$), sendo superior a 30, apresenta uma distribuição normal (Costa, 2019).

O cálculo da correlação surgiu com o propósito de compreender se relação entre as variáveis Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia era linear, ou seja, se aumentavam ou diminuam em conjunto. Neste caso foi utilizada uma correlação de Pearson, uma vez que se pretendeu estudar a força e a direção da relação entre duas variáveis contínuas com distribuição normal (Pallant, 2020).

A regressão linear simples foi utilizada com o propósito de compreender como o valor de uma variável dependente pode mudar em função da variação de outra independente. Este cálculo foi realizado entre Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia e sobre o efeito da Idade no Generismo e Transfobia.

Para além disso utilizou-se o Teste t para compreender o impacto que uma variável qualitativa tem sobre uma outra variável quantitativa, neste caso utilizou-se para estudar as diferenças de atitudes face a pessoas transgénero e o efeito do Sexo, feminino e masculino. Por último, foi utilizado o teste estatístico Kruskal Wallis, uma alternativa não paramétrica à ANOVA devido a não se ter verificado o pressuposto de homogeneidade, para compreender a relação entre a Atitude Transfóbica e a Orientação Sexual, as Habilitações Académicas e as Crenças Religiosas.

Das diversas variáveis sociodemográficas recolhidas, foram todas estudadas à exceção da variável Género, uma vez que o número de participantes era semelhante à variável Sexo, sendo que apenas 7 participantes se identificaram com uma expressão de género diferente e a amostra era muito reduzida para ser estudada a nível estatístico. Também não foi estudado o impacto da variável sociodemográfica Zona de Residência uma vez que a dispersão demográfica era elevada e não era possível dividir a presente amostra de modo a comparar por zona urbana e por zona rural o impacto de uma forma que tivesse significância estatística, devido à existência de apenas 17 participantes derivados do Porto.

Resultados

Estatística Descritiva da Escala de Estereótipos de Género

A análise estatística descritiva da Escala de Estereótipos de Género (Anexo II), permitiu observar as respetivas medidas de tendência central e de dispersão: média de 2,2258, mediana de 2,2143, moda pontuada por 2,21, um desvio padrão de 0,435, uma assimetria negativa pontuada de -0,187 e uma curtose negativa pontuada de -0,294.

Relativamente à assimetria negativa (-0,187) isto indica que a maioria dos participantes pontuou valores acima da média, existindo um menor grupo, mas com pontuações muito reduzidas, o que sugere que muitos participantes se afastam de perceções extremadas de estereótipos de género, existindo poucos participantes que apresentam visões extremamente estereotipadas. Desta forma há uma predominância de respostas com menos estereótipos e com poucas respostas consideradas mais estereotipadas. Em termos de curtose negativa (-0,294), este valor indica que a distribuição é “platicúrtica”, existindo poucos menos valores extremos do que numa distribuição considerada normal, o que por si significa que há uma menor variabilidade dos valores extremos (Maroco, 2010), ou seja, há poucas respostas consideradas extremamente altas ou baixas.

A média total de respostas da escala é 2,23 (Tabela 2, Anexo II) representa uma perceção de género mais estereotipada, uma vez que o valor se aproxima do limite inferior. Em termos de desvio padrão (que representa como as respostas variam em função à média obtida) os valores de desvio-padrão são menores que um nos diversos itens da Escala de Estereótipos de Género, o que significa que a maior parte dos resultados obtidos se encontram perto da média obtida, ou seja, os dados são muito consistentes e pouco dispersos. Porém ao avaliar cada item individualmente (Gráfico 1) é observável que no grupo de características mais associadas aos estereótipos de género femininos – como nos itens “Organização”, “Submissão”, “Romantismo”, “Responsabilidade”, “Sensibilidade”, “Atenção”, “Emotividade”, “Elegância” e “Cuidador” – a média é sempre inferior a 3, o que já não se verifica para os estereótipos de género masculinos – como nos itens “Imaturidade”, “Agressividade”, “Autoritarismo”, “Individualismo” e “Promiscuidade” – em que a média corresponde sempre a um valor superior a 3. Relembrando que 1 corresponde a “Mais feminino” e que 5 corresponde a “Mais

masculino” observou-se que nos estereótipos de género femininos houve um reconhecimento tendencialmente mais feminino e que nos estereótipos de género masculinos houve uma tendência para a identificação do papel masculino. Esta observação reforça a ideia da existência de mais estereótipos de género, assume-se então que existe uma perceção mais elevada de estereótipos de género, evidenciada pelos níveis próximos do limite inferior obtidos no valor médio da escala total (2,23).

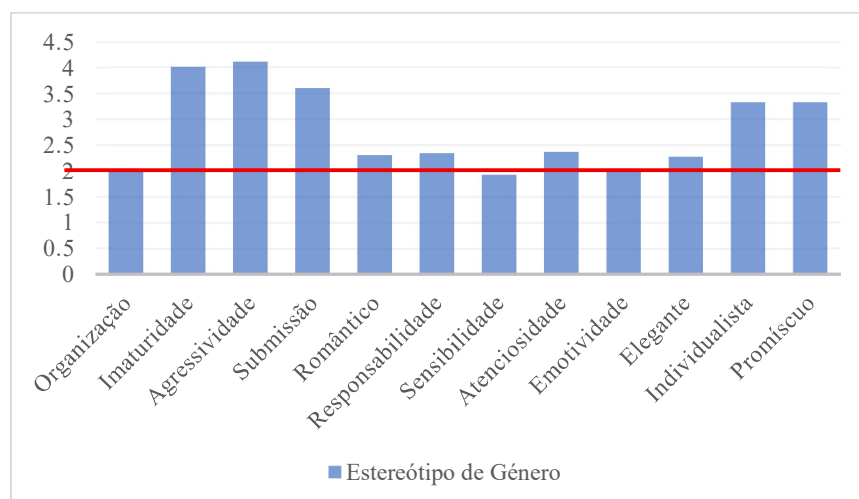
Tabela 2

Estadística Descritiva da Escala de Estereótipos de Género.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
EG_Organi	802	1	5	2,00	,853
EG_Imatur	802	1	5	4,00	,827
EG_Agressi	802	1	5	4,10	,750
EG_Autori	802	1	5	3,59	,953
EG_Subm	802	1	5	2,09	,801
EG_Roman	802	1	5	2,30	,914
EG_Respon	802	1	5	2,34	,834
EG_Sensi	802	1	4	1,92	,734
EG_Atenc	802	1	5	2,36	,822
EG_Emot	802	1	5	1,99	,784
EG_Eleg	802	1	4	2,27	,784
EG_Indiv	802	1	5	3,32	,871
EG_Promisc	802	1	5	3,32	,765
EG_Cuida	802	1	5	2,24	,938
EG_Total	802	1,00	3,71	2,23	0,435

Gráfico 1

Estereótipos de Género.



Estatística Descritiva da Escala de Generismo e Transfobia

Avaliando as propriedades da escala total de Generismo e Transfobia (versão adaptada para português, Tebbe et al., 2014) obteve-se uma média de 19,60, uma mediana de 17,00, a moda corresponde a um valor de 13,00, um desvio padrão de 7,743, um valor de assimetria que corresponde a 1,548, um valor de curtose de 2,617 (Anexo II). Apresenta também um valor mínimo de 13 e máximo de 59. Interpretando a assimetria (1,548) é possível afirmar que a média se encontra acima da mediana e que existe possivelmente uma presença forte de valores considerados atípicos e elevados. Face à curtose (2,617) é possível dizer que apresenta uma estrutura leptocurtica, onde existe a possibilidade de existirem valores extremos (considerados *outliers*). Analisando o desvio-padrão obtido (7,743), sabe-se que o mesmo mede o quanto os resultados obtidos variam face à média obtida, desta forma como é um valor elevado, os dados encontram-se dispersos relativamente à média (19,60) num intervalo superior e inferior a 7,743 (Maroco, 2010).

Ao realizar a estatística descritiva da Escala de Generismo e Transfobia do presente estudo foi possível observar que a média de todos os itens individualmente apresenta um valor menor do que 2 (Tabela 3), o que corresponde a uma atitude menos negativa face a pessoas transgénero, uma vez que 1 representa o mínimo (uma atitude mais positiva) e o valor de 5 representa o máximo (uma atitude mais negativa). Os valores de desvio-padrão são menores que 2 nos diversos itens, o que indica que a maior parte dos valores se encontra perto da média. Avaliando também as duas subescalas “Generismo/Transfobia” e “Gender-bashing” (Tabela 4) observou-se em ambas, respetivamente uma média 13,35 com um valor máximo de 40, e uma média de 6,25. Uma vez que ambas as subescalas apresentam valores reduzidos e a média da escala total é de 19,60 numa pontuação máxima de 59, é correto afirmar que a atitude da presente amostra é pouco transfóbica. É de realçar que a média da subescala “Generismo/Transfobia” ($m=13,35$) é superior que a da subescala “Gender-bashing” ($m=6,25$), uma vez que a subescala de “Gender-bashing” avalia uma dimensão maioritariamente mais comportamental poderá afirmar-se a existência de menos comportamentos discriminatórios face a pessoas trans e também a existência de atitudes pouco transfóbicas face a pessoas trans. Poderá postular-se a existência de uma atitude transfóbica reduzida que poderá surgir numa forma mais subtil ou até internalizada como

evidenciado pelo valor superior da subescala “Generismo/Transfobia” (m=13,35) em comparação à subescala “Gender-bashing” (m=6,25).

Tabela 3

Estatística Descritiva dos Itens da Escala de Generismo e Transfobia.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
GT1	802	1	5	1,17	,516
GT2	802	1	5	1,16	,454
GT3	802	1	5	1,39	,806
GT4	802	1	5	1,88	1,135
GT5	802	1	5	1,79	1,012
GT6	802	1	5	1,51	,794
GT7	802	1	5	1,93	1,128
GT8	802	1	5	1,46	,858
GT9	802	1	5	1,59	,872
GT10	802	1	5	1,26	,600
GT11	802	1	5	1,66	1,036
GT12	802	1	5	1,65	,992
GT13	802	1	5	1,14	,429

Tabela 4

Estatística Descritiva das Subescalas e Total da Escala de Generismo e Transfobia.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
GT_GenTran	802	8	40	13,35	6,320
GT_AgrGen	802	5	21	6,25	2,112
GT_Total	802	13	59	19,60	7,743

Análise de Correlação entre Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia

O teste de correlação de Pearson entre a variável Estereótipos de Género e a variável Generismo e a Transfobia (Tabela 5) permitiu observar uma correlação positiva e significativa ($\alpha=,159$; $p<0,01$), sendo esta correlação indicativa de que o aumento de Estereótipos de Género é acompanhado do aumento de um maior Atitude Transfóbica.

Tabela 5

Matriz de Correlações entre Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia.

	Estereótipos de género	Generismo e Transfobia
Estereótipos de género	1	,159**
Generismo e Transfobia	,159**	1

** a correlação é significativa no nível 0,01 (< 0,01)

Regressão Linear Simples entre Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia

Ao existir uma correlação positiva entre Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia é implicativo de que se uma variável aumenta a outra também irá aumentar, o que por si só significa que aquando da existência de Estereótipos de Género elevados, existirá uma maior Atitude Transfóbica.

Para além disso, foi estudada em maior profundidade a relação existente entre Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia tendo sido realizada uma regressão linear simples entre as variáveis para averiguar a existência ou não de uma relação de causalidade entre as mesmas variáveis (Tabela 6), observando-se assim o efeito dos Estereótipos de Género (variável independente) na Atitude Transfóbica (variável dependente). Foi observado que o modelo é globalmente significativo ($Z=20,745$; $p<0,01$). Pela análise do R^2 ajustado, constata-se que apenas 0,024% da variabilidade total da transfobia, é explicada pela variável preditora estereótipos de género ($t=4,555$; $p<0,05$). Esta tem uma influência direta e positiva na variável dependente ($B=2,828$). Deste modo, quanto maiores forem os Estereótipos de Género maior será a Atitude Transfóbica.

Tabela 6

Matriz de Regressão Linear Simples entre Estereótipos de Género e o Generismo e Transfobia.

	B	SE	t	p
(Constante)	13,306	1,408	9,449	<0,001
Generismo e Transfobia				
Estereótipos de Género	2,828	0,621	4,555	<0,001

R^2 Ajustado=0,024; F (20,745); $p<0,001$ | Média dos resíduos = 0,000.

Análise do Efeito do Sexo na Atitude Transfóbica

Com o objetivo de perceber se existem diferenças no Generismo e Transfobia entre o sexos Masculino e Feminino, recorreu-se ao teste t para comparação de médias entre duas amostras independentes (Tabela 7). Relativamente ao pressuposto de normalidade, e dada a dimensão das amostras (n homens = 211 > 30 e n mulheres = 591 > 30), recorreu-se ao Teorema do Limite Central, assumindo-se que as distribuições seguem, assintoticamente, uma distribuição normal (Laureano, 2011).

Podemos observar que existem diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres, quanto ao Generismo e Transfobia ($t=9,129$; $p<0,05$). Com efeito, a média dos homens ($M=24,5$; $DP=10$) é bastante superior à das mulheres ($M=17,8$; $DP=5,8$). Concluindo que o sexo tem influência na atitude transfóbica, sendo que esta é bastante superior nos homens.

Tabela 7

Teste t para diferenças de médias da Atitude Transfóbica entre Sexos.

	Homem		Mulher		t	p
	n=211		n=591			
	Média	DP	Média	DP		
Atitude Transfóbica	24,5	10,0	17,8	5,8	9,129	0,000

Análise do Efeito da Orientação Sexual na Atitude Transfóbica

Com o objetivo de avaliar se existem diferenças no Generismo e Transfobia observado entre pessoas de diversas orientações sexuais, e uma vez que não se verificou o pressuposto de homogeneidade de variâncias antes as amostras (Tabela 8) para se proceder ao teste Anova de comparação de médias, recorreu-se ao teste não paramétrico Kruskal-Wallis (Tabela 9).

Podemos observar que existem diferenças estatisticamente significativas em pelo menos uma das amostras ($H=36,049$; $p<0,01$). Com efeito, verifica-se que os inquiridos com orientação heterossexual têm uma média de ordenações ($Mo=667$) muito superior à das pessoas com orientação bissexual ($Mo=267$) e homossexual ($Mo=280$). Conclui-se que a orientação sexual afeta a atitude transfóbica, sendo esta muito superior nos heterossexuais.

Tabela 8

Teste de *Levene* à Homogeneidade de Variâncias da Atitude Transfóbica entre os Grupos de Orientação Sexual

Variável	<i>Levene Statistic</i>	<i>p</i>
Atitude transfóbica	25,710	0,000

Tabela 9

Kruskal-Wallis para Diferenças da Atitude Transfóbica Entre Orientação Sexual.

	Bissexual (n=62)	Homossexual (n=50)	Heterossexual (n=667)	H	p
	Média das Ordenações	Média das Ordenações	Média das Ordenações		
Atitude transfóbica	267	280	667	36,049	0,000

Análise do Efeito da Idade na Atitude Transfóbica

Com o objetivo de avaliar o efeito da Idade (variável independente) na Atitude Transfóbica (variável dependente), aplicou-se uma regressão linear simples (Tabela 10). Podemos observar que o modelo é globalmente significativo ($F=6,528$; $p<0,01$). Pela análise do R^2 ajustado, constata-se que apenas 0,7% da variabilidade total da transfobia, é explicada pela variável preditora idade ($t=2,555$; $p<0,05$). Esta tem uma influência direta e positiva na variável dependente ($B=0,052$). Deste modo, quanto maior for a idade maior será a atitude transfóbica.

Quanto aos pressupostos do modelo (Laureano, 2011), a homocedasticidade dos resíduos foi verificada graficamente (Gráfico 2); a média dos resíduos foi zero ($M=0,000$) (Tabela 10). No que diz respeito à distribuição normal, e porque estamos perante uma amostra de grandes dimensões ($n=802$), apelou-se ao Teorema do Limite Central e assumiu-se que a amostra tende a seguir uma distribuição normal (Laureano, 201

Gráfico 2

Homocedasticidade dos Resíduos da Regressão Linear

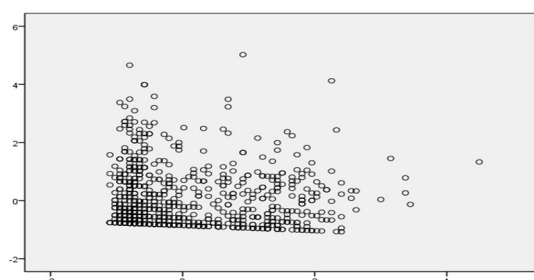


Tabela 10

Regressão Linear Simples – Efeito da Idade na Generismo e Transfobia.

	B	SE	<i>t</i>	<i>p</i>
(Constante)	17,900	0,719	24,884	0,000
Idade	0,052	0,020	2,555	0,011

R² Ajustado=0,007; F (6,528); p=0,011 | Média dos resíduos = 0,000.

Análise do Efeito das Habilitações Académicas na Atitude Transfóbica

Procurou perceber-se se existem diferenças na Atitude Transfóbica nas pessoas com diferentes níveis de escolaridade. Primeiramente, agregaram-se as categorias de ensino básico com ensino secundário e mestrado com doutoramento, a fim de se obterem amostras com maior dimensão. Deste modo, comparam-se as seguintes categorias; até ao ensino secundário (n=204), licenciatura (n=408) e mestrado e doutoramento (n=172). Para comparar as diferenças recorreu-se ao teste não paramétrico Kruskal-Wallis (Tabela 11), por não se ter verificado o pressuposto de homogeneidade de variâncias entre as amostras (Tabela 13), para se proceder ao teste Anova de comparação de médias.

Podemos observar que existem diferenças estatisticamente significativas, entre pessoas com diferentes níveis de habilitações, em pelo menos uma das amostras (H=19,444; p<0,01). Com efeito, verifica-se que os inquiridos com menor escolaridade, isto é, com o ensino secundário têm uma média de ordenações (Mo=446) muito superior à das pessoas com maior escolaridade, por exemplo, licenciatura (Mo=408) e mestrado

ou doutoramento ($Mo=346$). Concluiu-se que as habilitações académicas afetam a atitude transfóbica, sendo esta muito superior em pessoas com menores habilitações.

Tabela 11

Kruskal-Wallis para Diferenças da Atitude Transfóbica entre Habilitações Académicas.

	Ens. Secundário ($n=204$)	Licenciatura ($n=408$)	Mestrado e Phd ($n=172$)	<i>H</i>	<i>p</i>
	Média das Ordenações	Média das Ordenações	Média das Ordenações		
Atitude Transfóbica	446	385	346	19,444	0,000

Análise do Efeito das Crenças Religiosas na Atitude Transfóbica

Com o objetivo de perceber se existem diferenças na atitude transfóbica entre pessoas com diferentes crenças religiosas, recorreu-se ao teste não paramétrico *Kruskal-Wallis* (Tabela 12). Com efeito, não se verificou o pressuposto de homogeneidade de variâncias entre as amostras (Tabela 13), para se proceder ao teste Anova de comparação de médias.

Podemos observar que existem diferenças estatisticamente significativas na atitude transfóbica entre pessoas com diferentes crenças religiosas, em pelo menos uma das amostras ($H=75,891$; $p<0,01$). Com efeito, verifica-se que os inquiridos que são religiosos não praticantes ($Mo=405$) ou cristãos ($Mo=478$), têm níveis de transfobia superiores aos inquiridos que afirmam que não têm religião ($Mo=309$). Conclui-se que a religião afeta a atitude transfóbica, sendo esta muito superior em pessoas com mais crenças religiosas.

Tabela 12

Kruskal-Wallis para Diferenças da Atitude Transfóbica entre Crenças Religiosas.

	Não É Religioso ($n=367$)	Religioso Não Praticante ($n=221$)	Cristão ($n=158$)	<i>H</i>	<i>p</i>
	Média das Ordenações	Média das Ordenações	Média das Ordenações		
Atitude Transfóbica	309	405	478	75,891	0,000

Tabela 13

Teste de *Levene* à Homogeneidade de Variâncias da Atitude Transfóbica.

Variável	<i>Levene Statistic</i>	<i>p</i>
Atitude transfóbica e Habilitações	20,148	0,000
Atitude transfóbica e Religião	22,260	0,000

Discussão

Este estudo, de carácter exploratório, teve como objetivo principal compreender como se manifesta a Atitude Transfóbica e a perceção de Estereótipos de Género da presente amostra, a relação entre Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia e compreender como diversas variáveis sociodemográficas como o sexo, a orientação sexual, a idade, a religião, habilitação académica tem impacto na génese da atitude transfóbica.

Face à interpretação da atitude transfóbica, e contrariamente ao esperado, os valores obtidos no presente estudo realçam a observação de uma atitude de menor transfobia e generismo, como evidenciado pela média total obtida da Escala de Generismo e Transfobia ($M=19,60$) que é caracterizada como um valor de referência baixo. Em comparação com outros estudos, a caracterização da atitude face a pessoas transgénero é percecionada como negativa, ou seja, são observados valores mais elevados de transfobia (Campbell et al., 2022; Copp & Koehler, 2017; Lothwell et al., 2020). Esta diferença poderá dever-se à representatividade cada vez mais crescente da comunidade transgénero em Portugal, não só através das plataformas de multimédia, de correntes políticas mais liberais, mas também ao maior contacto que existe com a comunidade LGBT, que se sabe ser um fator determinante para a prevenção de uma atitude transfóbica (Copp & Koehler, 2017; Garcia-Acosta et al., 2020; Kanamori & Xu, 2022).

Relativamente aos Estereótipos de Género, é observada a existência de uma perceção estereotipada do género, uma vez que há um reconhecimento e distribuição das respetivas características apresentadas aos grupos pré-definidos como “femininos” e “masculinos”, sendo possível postular a existência de uma visão do género como binário, no qual ainda prevalece uma atribuição de papéis sociais mais femininos e papéis sociais mais masculinos. O mesmo é observado em diversos estudos, ainda prevalece a presença de estereótipos de género mais marcados pela distinção entre feminino e masculino (Heilman et al., 2024, Penner et al., 2023). Ademais para reforçar os resultados deste estudo, é importante recordar a Teoria dos Papéis Sociais (Eagly & Wood, 2012), que pode surgir como uma explicação aos resultados obtidos uma vez que realça os papéis de género como construções sociais realizadas pelas várias divisões a nível profissional entre o sexo masculino e o sexo feminino e como esta influência cria expectativas sociais sobre

o comportamento esperado de homens e de mulheres. Porém, é observado que os estereótipos de género persistem em relação à inércia cultural e às variadas estruturas institucionais que acabam por reforçar de forma indireta os papéis de género tradicionais (Eagly & Wood, 2012).

A relação entre Estereótipos de Género e o Generismo e Transfobia é caracterizada através da existência de uma correlação positiva e de uma relação de causalidade, sendo a variável Estereótipos de Género (EG) a variável preditora do Generismo e Transfobia (GT). Em específico, a correlação positiva entre EG e GT pressupõe que quando existem mais Estereótipos de Género, existirá uma maior Atitude Transfóbica, o que poderá possivelmente implicar a existência de uma visão binária de género (composta por estereótipos de género acentuados) que surge associada à existência de atitudes mais transfóbicas e vice-versa, uma visão não binária do género surge associada a atitudes mais positivas face a pessoas transgénero.

Como já era expectável esta relação, na qual os Estereótipos de Género antecedem a Atitude Transfóbica, este resultado reforça a ideia de que a adesão a normas tradicionais de género, ou seja, uma visão binária do mesmo, possivelmente contribui de forma impactante na génese de preconceito face a pessoas transgénero (Perez-Arche & Miller, 2021; Willoughby et al. 2010). Para além disso, a Teoria Queer do Género poderá surgir como uma explicação da correlação positiva entre Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia, uma vez que o valor é positivo, mas reduzido ($\alpha = 0,159$) o que poderá estar associado à visão de Butler (2002) na qual refere que o género é um construto flexível, contestável e mutável, e acima de tudo socialmente criado, abrindo espaço para uma possível abertura geracional na perceção do género e por consequente, existirá uma maior abertura e compreensão de pessoas transgénero. Acredita-se que uma mudança do paradigma do género como binário esteja na fonte da compreensão da relação de precedência dos EG com a Atitude Transfóbica, sendo que Nagoshi et al., (2008) referem que a adesão a normas tradicionais de género em específico na atribuição de papéis de género, surge como uma variável preditora da Atitude Transfóbica.

Ademais, o presente estudo teve como objetivo compreender o efeito das variáveis sociodemográficas (idade, sexo, orientação sexual, crenças religiosas e habilitações académicas) na atitude transfóbica. Relativamente à variável sociodemográfica **Sexo**, foi observado um impacto da mesma sobre o nível de Generismo e Transfobia observado. O facto de homens cisgénero apresentarem valores mais elevados relativamente ao

Generismo e Transfobia em comparação às mulheres cisgénero é consistente com diversos estudos em relação ao preconceito face pessoas transgénero, lésbicas e *gays* (Nagoshi et al., 2008; Norton & Herek, 2012; Worthen, 2012; Greenburg & Gaia, 2019; Brassel & Anderson, 2020; Chen & Anderson, 2017; Costa & Davies, 2012).

Em termos de Orientação Sexual, observou-se que pessoas heterossexuais apresentaram maiores níveis de Transfobia do que pessoas homossexuais, bissexuais (entre outras formas de orientação sexual), sendo possível concluir que de facto, a orientação sexual impacta a Transfobia e o Generismo observados, como em concordância com diversos estudos (Amigo-Ventureira et al., 2025; Copp & Koehler, 2017; Garcia-Acosta et al., 2020, Nagoshi et al., 2008). É possível que os participantes heterossexuais e do sexo masculino observem comportamentos não conformes com o género, como ser transgénero, como uma violação das suas expectativas masculinas e como uma ameaça aos homens heterossexuais, o que corrobora pesquisas anteriores (Greenburg & Gaia, 2019).

A Idade atua como uma variável preditora do Generismo e Transfobia, ou seja, quanto maior for a idade maior será a atitude transfóbica, ou seja, pessoas mais velhas apresentam valores mais elevados de Generismo e Transfobia em comparação com pessoas mais novas, o mesmo foi observado em diversos estudos (Garcia-Acosta et al., 2020; King et al. 2009; Landén & Innala 2000).

Ao avaliar o impacto das Habilitações Académicas face ao Generismo e Transfobia, observou-se que pessoas com habilitações académicas mais elevadas (como graus de mestrado ou doutoramento) apresentaram atitudes mais positivas do que pessoas com menor grau educacional, o que sugere que um nível de educação baixo se encontra associado com níveis altos de preconceito e Transfobia, o que também foi observado por Fisher et al (2016). Contrariamente, Garcia-Acosta et al (2020) no qual verificaram que níveis mais altos de educação não funcionam como um fator de proteção contra o preconceito, o que sugere que esta será uma relação a explorar em futuros estudos.

Relativamente às Crenças Religiosas, observou-se que pessoas com mais crenças religiosas apresentam maiores níveis de Generismo e Transfobia do que pessoas que não tem uma identificação religiosa o que vai de acordo com o estudo de Campbell et al., (2019), no qual a religião prevê a maioria das formas de preconceito, afirmando que a identificação religiosa surge a associada a atitudes mais negativas face a pessoas

transgénero. Ademais, pessoas com afiliações religiosas demonstram atitudes mais negativas face a diversos grupos sociais do que indivíduos que não apresentam afiliações religiosas (Allport, 1954; Greenburg & Gaia, 2019; Shariff et al., 2016).

Em suma, pode ser observado um perfil sociodemográfico no presente estudo, no qual homens, pessoas com orientação heterossexual, com menor idade, menos habilitações académicas e com afiliações religiosas apresentam atitudes mais negativas face a pessoas transgénero, sendo um perfil semelhante ao observado no estudo de Garcia-Acosta et al., (2020), sendo que é retirada a influência da religião e das habilitações e é acrescentada a variável que avalia o contacto com pessoas transgénero ou LGBT, que influencia positivamente a atitude.

Limitações do Estudo

Como principais limitações do presente estudo surge a falta de representatividade da amostra do presente estudo, sendo que a mesma é composta maioritariamente por estudante universitários, pessoas do sexo feminino, pessoas heterossexuais, maioritariamente pessoas residentes em zonas urbanas, o que não retrata uma imagem que represente a população geral. Ademais, o facto de terem sido utilizadas escalas de autorrelato remete para a questão da desejabilidade social, onde as respostas fornecidas podem ter sido ponderadas de acordo com o que é desejável a nível social e cultural.

Para além disso, o questionário do presente estudo foi realizado no âmbito do projeto “Generalidades”, direccionado a temáticas relacionadas com questões de orientação sexual e identidade de género, sendo que o questionário apresentado aos participantes englobava mais duas escalas (a Escala do Duplo Padrão Sexual, a Escala de Igualdade de Género), tendo uma duração de preenchimento de aproximadamente 15 minutos, o que pode ter influenciado as respostas dadas devido à questão da duração de preenchimento, o que por si poderá remeter para a temática do cansaço.

Relativamente à Escala dos Estereótipos de Género, esta foi desenhada para o presente estudo, mesmo assumindo que as suas propriedades estatísticas foram bem avaliadas, seria interessante aprimorar as propriedades da escala noutros estudos, para melhor compreensão do seu funcionamento prático.

Como estudos futuros será pertinente avaliar e distinguir se a atitude transfóbica diversifica para com homens transgénero e com mulheres transgénero. Ademais seria

interessante o estudo também da variável “contacto” com a comunidade transgénero para verificar a influência empírica desta variável que se sabe que previamente é determinante na atitude observada (Copp & Koehler, 2017; Garcia-Acosta et al., 2020; Kanamori & Xu, 2022).

Implicações

Para além de ter sido um estudo inovador relativamente à compreensão empírica da relação entre Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia, o presente estudo remete indiretamente para temáticas que permitem uma melhor compreensão da adversidade que a população transgénero tem que lidar, uma compreensão atualizada da perceção dos estereótipos de género e ainda que variáveis sociodemográficas impactam a atitude transfóbica.

Este estudo possibilitou uma melhor compreensão da perceção de Estereótipos de Género, da Atitude Transfóbica, da relação entre Estereótipos de Género e Generismo e Transfobia e, ainda, do efeito que as variáveis sociodemográficas anteriormente mencionadas apresentam sobre o Generismo e Transfobia. Uma vez que estes temas remetem para a compreensão das diversas adversidades que a presente minoria ainda sofre, é possível retirar informação importante para promover ainda mais consciencialização e algumas noções que possibilitem a prevenção e intervenção de um movimento opressor face à comunidade trans.

Relativamente à perceção dos Estereótipos de Género, é permitido compreender como as crenças existentes sobre os papéis sociais, ao que corresponde o feminino e o masculino, impactam a maneira como são criadas atitudes e possivelmente comportamentos congruentes com essas mesmas atitudes, sendo que crenças mais exigentes, ou uma visão de género como binário, fazem possivelmente sobressair atitudes transfóbicas.

Para além disso, a compreensão desta influência poderá possibilitar a base para a criação de cada vez mais legislação que reforce a proteção individual e social de pessoas transgénero, também como reforça a implementação de cada vez mais programas educativos, formações especializadas e direcionadas para a aquisição de mais conhecimento face à maneira como as pessoas transgénero são percecionadas a nível social. Em termos de prática clínica, é importante reconhecer as dificuldades e o

preconceito que ainda existe atualmente face a pessoas transgénero e de que modo as crenças existentes face aos estereótipos de género podem influenciar as perceções sociais e individuais criadas em relação a pessoas transgénero.

O presente estudo remete também para a prossecução dos objetivos da Estratégia Nacional para a Igualdade e Não Discriminação 2018-2023 (Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2018), nomeadamente do Plano de Ação para o Combate à Discriminação em Razão da Orientação Sexual, Identidade e Expressão de Género, e Características Sexuais (PAOIEC). Relativamente à Agenda 2030 (Nações Unidas, 2015) e aos respetivos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em Portugal surgem como prioridade os pontos relacionados com a Igualdade de Género (ODS 5) e com a Redução de Desigualdades (ODS 10), o que é indiretamente imposto pelo presente estudo.

Referências Bibliográficas

- Adelson, S. L., & Schuster, M. A. (2015). Gay, lesbian & bisexual adolescents. *Kliegman RM, Stanton BF, Geme JSt, et al, editors. Nelson textbook of pediatrics. 20th edition. Philadelphia: Elsevier*, 934-7.
- Adelson, S. L., Stroeh, O. M., & Ng, Y. K. W. (2016). Development and mental health of lesbian, gay, bisexual, or transgender youth in pediatric practice. *Pediatric Clinics*, 63(6), 971-983. <https://doi.org/10.1016/j.pcl.2016.07.002>
- Airton, L., & Koecher, A. (2019). How to hit a moving target: 35 years of gender and sexual diversity in teacher education. *Teaching and Teacher Education*, 80, 190–204. <https://doi.org/10.1016/j.tate.2018.11.004>
- Ajzen, I., & Cote, N. G. (2008). Attitudes and the prediction of behavior. *Attitudes and attitude change*, 13, 289-305.
- Almeida, J., Johnson, R. M., Corliss, H. L., Molnar, B. E., & Azrael, D. (2009). Emotional distress among LGBT youth: The influence of perceived discrimination based on sexual orientation. *Journal of youth and adolescence*, 38(7), 1001-1014. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1007/s10964-009-9397-9>
- Álvares, M. (2021). Introdução à investigação quantitativa e análise SPSS.
- American Psychological Association & National Association of School Psychologists (2015). Resolution on gender and sexual orientation diversity in children and adolescents in schools. Disponível em: <http://www.apa.org/about/policy/orientation-diversity.aspx>
- American Psychological Association. (2008). Resolution on transgender, gender identity, and gender expression non-discrimination. Retirado de: <http://www.apa.org/pi/lgbc/policy/transgender.html>
- Amigo-Ventureira, A. M., Durán, M., & DePalma, R. (2025). Exploring the relationship between transphobia and homophobia and other demographic factors among practicing and future primary school teachers. *Research in Education*, 121(1), 19-36. <https://doi.org/10.1177/00345237231163048>

- Anderson, J., & Koc, Y. (2015). Exploring patterns of explicit and implicit anti-gay attitudes in Muslims and Atheists. *European Journal of Social Psychology*, 45(6), 687-701.
- Anderson, J. R., Georgantis, C., & Kapelles, T. (2017). Predicting support for marriage equality in Australia. *Australian Journal of Psychology*, 69(4), 256–262. <https://doi.org/10.1111/ajpy.12164>
- Anderson, V. N. (2023). What does transgender mean to you? Transgender definitions and attitudes toward trans people. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 10(4), 600. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/sgd0000566>
- Ansara, Y. G., & Berger, I. (2016). Cisgenderism. *The Wiley Blackwell encyclopedia of gender and sexuality studies*, 1-3. <https://doi.org/10.1002/9781118663219.wbegss426>
- Ansara, Y. G., & Hegarty, P. (2014). Methodologies of misgendering: Recommendations for reducing cisgenderism in psychological research. *Feminism & Psychology*, 24(2), 259-270. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1177/0959353514526217>
- Awan, Z. A., Bilal, M., & Mehmood, H. (2024). Need to belong and loneliness amongst transgender community due to family rejection. *Journal of Excellence in Social Sciences*, 3(1), 110-121. <https://doi.org/10.69565/jess.v3i1.244>
- Bandura, A. (1977). *Social Learning Theory*. Prentice Hall.
- Barker, C., Pistrang, N., & Elliott, R. (2015). *Research methods in clinical psychology: An introduction for students and practitioners*. John Wiley & Sons. .
- Bem, S. L. (1981). Gender schema theory: A cognitive account of sex typing. *Psychological review*, 88(4), 354.
- Bethea, M. S., & McCollum, E. E. (2013). The disclosure experiences of male-to-female transgender individuals: A systems theory perspective. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 12(2), 89-112. <https://doi.org/10.1080/15332691.2013.779094>
- Billard, T. J. (2018). Attitudes toward transgender men and women: Development and validation of a new measure. *Frontiers in psychology*, 9, 387. <https://psycnet.apa.org/doi/10.3389/fpsyg.2018.00387>

- Bilodeau, B. L. (2007). *Genderism: Transgender students, binary systems and higher education*. Michigan State University. Department of Educational Administration.
- Birkett, M., Newcomb, M. E., & Mustanski, B. (2015). Does it get better? A longitudinal analysis of psychological distress and victimization in lesbian, gay, bisexual, transgender, and questioning youth. *Journal of adolescent health, 56*(3), 280-285. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.10.275>
- Bosak, J., Eagly, A., Diekman, A., & Sczesny, S. (2018). Women and men of the past, present, and future: Evidence of dynamic gender stereotypes in Ghana. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 49*(1), 115-129. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1177/0022022117738750>
- Brassel, S. T., & Anderson, V. N. (2019). Who thinks outside the gender box? Feminism, gender self-esteem, and attitudes toward trans people. *Sex Roles. Advance online publication, 82*, 447–462. <https://doi.org/10.1007/s11199-019-01066-4>.
- Brassel, S. T., & Anderson, V. N. (2020). Who thinks outside the gender box? Feminism, gender self-esteem, and attitudes toward Trans. people. *Sex Roles, 82*(7–8), 447–462. <https://doi.org/10.1007/s11199-019-01066-4>
- Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences, 12*(1), 1-49.
- Butler, J. (2002). *Gender trouble*. Routledge.
- Campbell, M., Hinton, J. D. X., & Anderson, J. R. (2019). A systematic review of the relationship between religion and attitudes toward transgender and gender-variant people. *International Journal of Transgenderism, 20*(1), 21–38. <https://doi.org/10.1080/15532739.2018.1545149>
- Carmel, T. C., & Erickson-Schroth, L. (2016). Mental health and the transgender population. *Journal of Psychosocial Nursing and Mental Health Services, 54*(12), 44-48. <https://doi.org/10.3928/02793695-20161208-09>
- Carpenter, C. S., Lee, M. J., & Nettuno, L. (2022). Economic outcomes for transgender people and other gender minorities in the United States: First estimates from a nationally representative sample. *Southern Economic Journal, 89*(2), 280-304. <https://doi.org/10.1002/soej.12594>

- Chen, B., & Anderson, V. N. (2017). Chinese college students' gender self-esteem and transprejudice. *International Journal of Transgenderism*, 18(1), 66–78. <https://doi.org/10.1080/15532739.2016.1256803>
- Ching, B. H. H., & Xu, J. T. (2018). The effects of gender neuroessentialism on transprejudice: An experimental study. *Sex Roles*, 78, 228-241. <https://doi.org/10.1007/s11199-017-0786-3>
- Copp, H. L., & Koehler, W. J. (2017). Peer attitudes toward LGBT-identified university students as mediated by demographic factors. *Journal of Gay & Lesbian Mental Health*, 21(4), 277-291. <https://doi.org/10.1080/19359705.2017.1320697>
- Costa, L. M. (2019). Ensaio: Da amostra ao teorema do limite central. Um pouco dos fundamentos e uma aplicação prática. Universidade do Minho. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336105920_Ensaio_Da_amostra_ao_t_eorema_do_limite_central_Um_pouco_dos_fundamentos_e_uma_aplicacao_pra_tica
- Costa, P. A., & Davies, M. (2012). Portuguese adolescents' attitudes toward sexual minorities: Transphobia, homophobia, and gender role beliefs. *Journal of homosexuality*, 59(10), 1424-1442. <https://doi.org/10.1080/00918369.2012.724944>
- Crenshaw, K. (2013). Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. In *Feminist legal theories* (pp. 23-51). Routledge.
- Currie, W. L., & Seddon, J. J. (2014). A cross-national analysis of eHealth in the European Union: Some policy and research directions. *Information & Management*, 51(6), 783-797. <https://doi.org/10.1016/j.im.2014.04.004>
- Davis, N. B., & Yeung, S. T. (2022). Transgender equity in the workplace: A systematic review. *SAGE open*, 12(1), 21582440221082863. <https://doi.org/10.1177/21582440221082863>
- Deaux, K., & Lewis, L. L. (1984). Structure of gender stereotypes: Interrelationships among components and gender label. *Journal of personality and Social Psychology*, 46(5), 991. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.46.5.991>

- dos Psicólogos Portugueses, O. (2017). Guia Orientador da Intervenção Psicológica com Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans (LGBT).
- Eagly, A. H. (1987). *Sex differences in social behavior: A social-role interpretation*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Eagly, A. H., & Chaiken, S. (1993). *The psychology of attitudes*. Harcourt brace Jovanovich college publishers.
- Eagly, A. H., & Wood, W. (1991). Explaining sex differences in social behavior: A meta-analytic perspective. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 17(3), 306-315. <https://doi.org/10.1177/0146167291173011>
- Eagly, A.H., Nater, C., Miller, D.I., Kaufmann, M. and Sczesny, S. (2020), “Gender stereotypes have changed: a cross-temporal meta-analysis of US public opinion polls from 1946 to 2018”, *American Psychologist*, 75 (3), 301-315, <http://dx.doi.org/10.1037/amp0000494>
- European Commission. (2010). *Europe 2020: A strategy for smart, sustainable and inclusive growth: Communication from the commission*. Publications Office of the European Union.
- Fisher, A. D., Castellini, G., Ristori, J., Casale, H., Giovanardi, G., Carone, N., & Ricca, V. (2017). Who has the worst attitudes toward sexual minorities? Comparison of transphobia and homophobia levels in gender dysphoric individuals, the general population and health care providers. *Journal of Endocrinological Investigation*, 40, 263–273. <https://doi.org/10.1007/s40618-016-0552-3>.
- Fisher, A. D., Castellini, G., Fanni, E., Casale, H., Tagliagambe, M., Benni, L., ... & Maggi, M. (2016). HP-03-008 Transphobia and homophobia levels in gender dysphoric individuals, general population and health care providers. *The Journal of Sexual Medicine*, 13(Supplement_2), S124-S124. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2016.03.118>
- Flores, A. R., Stotzer, R. L., Meyer, I. H., & Langton, L. L. (2022). Hate crimes against LGBT people: National crime victimization survey, 2017-2019. *PLoS one*, 17(12), e0279363. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0279363>

- Franzini, L. R., & Casinelli, D. L. (1986). Health professionals' factual knowledge and changing attitudes toward transsexuals. *Social Science and Medicine*, 22, 535–539. [https://doi.org/10.1016/0277-9536\(86\)90020-1](https://doi.org/10.1016/0277-9536(86)90020-1)
- Fuller, K. A., & Riggs, D. W. (2018). Family support and discrimination and their relationship to psychological distress and resilience amongst transgender people. *International Journal of Transgenderism*, 19(4), 379-388. <https://doi.org/10.1080/15532739.2018.1500966>
- Gagné, P., & Tewksbury, R. (1998). Conformity pressures and gender resistance among transgendered individuals. *Social problems*, 45(1), 81-101. <https://doi.org/10.2307/3097144>
- García-Acosta, J. M., Castro-Peraza, M. E., Perestelo-Pérez, L., Rivero-Santana, A., Arias-Rodríguez, Á., & Lorenzo-Rocha, N. D. (2020). Measuring explicit prejudice and transphobia in nursing students and professionals. *Nursing Reports*, 10(2), 48-55. <https://doi.org/10.3390/nursrep10020008>
- Gibin, M. G. (2020). *O direito à autodeterminação da identidade de género: a mudança de sexo e alteração de nome no registo civil* (Master's thesis, Universidade Autonoma de Lisboa (Portugal)).
- Goldsen, K. I. F., Romanelli, M., Hoy-Ellis, C. P., & Jung, H. (2022). Health, economic and social disparities among transgender women, transgender men and transgender nonbinary adults: Results from a population-based study. *Preventive Medicine*, 156, 106988. <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2022.106988>
- Grant, J., Mottet, L., Tanis, J., & Min, D. (2011). Injustice at every turn: A report of the national. *National Center for Transgender Equality and National Gay and Lesbian Task Force*. Retrieved from http://www.thetaskforce.org/downloads/reports/reports/ntds_full.pdf.
- Green, R., Stoller, R. J., & MacAndrew, C. (1966). Attitudes toward sex transformation procedures. *Archives of General Psychiatry*, 15(2), 178-182. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1001/archpsyc.1966.01730140066011>
- Hafford-Letchfield, T., Cocker, C., Rutter, D., Tinarwo, M., McCormack, K., & Manning, R. (2019). What do we know about transgender parenting?: Findings from a

- systematic review. *Health & Social Care in the Community*, 27(5), 1111-1125. <https://doi.org/10.1111/hsc.12759>
- Heilman, M. E., Caleo, S., & Manzi, F. (2024). Women at work: Pathways from gender stereotypes to gender bias and discrimination. *Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior*, 11(1), 165-192. <https://doi.org/10.1146/annurev-orgpsych-110721-034105>
- Herrick, S. S., & Duncan, L. R. (2018). A systematic scoping review of engagement in physical activity among LGBTQ+ adults. *Journal of Physical Activity and Health*, 15(3), 226-232. <https://doi.org/10.1123/jpah.2017-0292>
- Hill, D. B., & Willoughby, B. L. (2005). The development and validation of the genderism and transphobia scale. *Sex roles*, 53(7), 531-544. <https://doi.org/10.1007/s11199-005-7140-x>
- Hillier, A., Kroehle, K., Edwards, H., & Graves, G. (2020). Risk, resilience, resistance and situated agency of trans high school students. *Journal of LGBT Youth*, 17(4), 348–407. <https://doi.org/10.1080/19361653.2019.1668326>
- James, S., Herman, J., Rankin, S., Keisling, M., Mottet, L., & Anafi, M. A. (2016). *The report of the 2015 US transgender survey*. National Center for Transgender Equality [NCTE].
- Johnson, M. K., Rowatt, W. C., & LaBouff, J. P. (2012). Religiosity and prejudice revisited: In-group favoritism, out-group derogation, or both? *Psychology of Religion and Spirituality*, 4(2), 154–168. <https://doi.org/10.1037/a0025107>
- Kanamori, Y., Pegors, T. K., Hulgus, J. F., & Cornelius-White, J. H. D. (2017). A comparison between self-identified evangelical Christians' and nonreligious persons' attitudes toward transgender persons. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 4(1), 75–86. <https://doi.org/10.1037/sgd0000166>
- Kanamori, Y., & Xu, Y. J. (2022). Factors associated with transphobia: A structural equation modeling approach. *Journal of Homosexuality*, 69(4), 716-740. <https://doi.org/10.1080/00918369.2020.1851959>
- Kcomt, L. (2019). Profound health-care discrimination experienced by transgender people: Rapid systematic review. *Social work in health care*, 58(2), 201-219. <https://doi.org/10.1080/00981389.2018.1532941>

- Kidd, J. D., & Witten, T. M. (2007). Transgender and Transsexual Identities: The Next Strange Fruit—Hate Crimes, Violence and Genocide Against the Global Trans-Communities. *Journal of Hate Studies*, 6(1), 31–64. <https://www.jstor.org/stable/48799391>
- Kidd, S. A., Howison, M., Pilling, M., Ross, L. E., & McKenzie, K. (2016). Severe mental illness in LGBT populations: A scoping review. *Psychiatric Services*, 67(7), 779-783. <https://doi.org/10.1176/appi.ps.201500209>
- King, M. E., Winter, S., & Webster, B. (2009). Contact reduces transprejudice: A study on attitudes towards transgenderism and transgender civil rights in Hong Kong. *International Journal of Sexual Health*, 21(1), 17-34. <https://doi.org/10.1080/19317610802434609>.
- Klein, A., & Golub, S. A. (2016). Family rejection as a predictor of suicide attempts and substance misuse among transgender and gender nonconforming adults. *LGBT health*, 3(3), 193-199. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1089/lgbt.2015.0111>
- Kohlberg, L. (1966). A cognitive-developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes. In E. E. Maccoby (Ed.), *The development of sex differences*. Stanford University Press.
- Landén, M., & Innala, S. (2000). Attitudes toward transsexualism in a Swedish national survey. *Archives of Sexual Behavior*, 29(4), 375-388. <https://doi.org/10.1023/A:1001970521182>
- Laureano, R.M. (2011) *Testes de hipóteses com o SPSS, o meu manual de consulta rápida*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Lima, L. P. D. (2000). Atitudes: Estrutura e mudança. *Psicologia social*, 4, 185-225.
- Lopez-Zafra, E. and Garcia-Retamero, R. (2021), “Are gender stereotypes changing over time? A crosstemporal analysis of perceptions about gender stereotypes in Spain (¿Están cambiando los estereotipos de género con el tiempo? Un análisis transtemporal de las percepciones sobre los estereotipos de género en España~)”, *International Journal of Social Psychology*, 36 (2), 330-354, <https://doi.org/10.1080/02134748.2021.1882227>
- Lothwell, L. E., Libby, N., & Adelson, S. L. (2020). Mental health care for LGBT youths. *Focus*, 18(3), 268-276.

- Manzi, F., Caleo, S., & Heilman, M. E. (2024). Unfit or disliked: How descriptive and prescriptive gender stereotypes lead to discrimination against women. *Current opinion in psychology*, 60, 101928. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2024.101928>
- Matos, J., Rodrigues, I., & Rodrigues, C. V. (2023). Guia sobre saúde e leis trans em Portugal: Recursos e procedimentos. *Rede ex Aequo*.
- Messman, J. B., & Leslie, L. A. (2019). Transgender college students: Academic resilience and striving to cope in the face of marginalized health. *Journal of American College Health*, 67(2), 161-173. <https://doi.org/10.1080/07448481.2018.1465060>
- Meyer, I. H. (1995). Minority stress and mental health in gay men. *Journal of health and social behavior*, 38-56. <http://dx.doi.org/10.2307/2137286>
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129, 674 – 697. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0033-2909.129.5.674>
- Moleiro, C., Alarcão, V., & Neves, L. R. (2022). Mapping transgender studies in Portugal: A systematic search and narrative review. *Journal of Gender Studies*, 1-16. <https://doi.org/10.1080/09589236.2022.2092083>.
- Moleiro, C., Raposo, C. S., Moita, G., Pereira, H., Gato, J., Silva, M., & Neves, S. (2017). Guia orientador da intervenção psicológica com pessoas lésbicas, gays, bissexuais e trans (LGBT). *Ordem dos Psicólogos Portugueses*.
- Mongelli, F., Perrone, D., Balducci, J., Sacchetti, A., Ferrari, S., Mattei, G., & Galeazzi, G. M. (2019). Minority stress and mental health among LGBT populations: An update on the evidence. *Minerva Psichiatrica*, 60(1), 27-50. <http://www.minervamedica.it/>
- Morrison, M. A., Bishop, C. J., Gazzola, S. B., McCutcheon, J. M., Parker, K., & Morrison, T. G. (2017). Systematic review of the psychometric properties of transphobia scales. *International Journal of Transgenderism*, 18(4), 395-410. <https://doi.org/10.1080/15532739.2017.1332535>.
- Mustanski, B. S., Garofalo, R., & Emerson, E. M. (2010). Mental health disorders, psychological distress, and suicidality in a diverse sample of lesbian, gay,

bisexual, and transgender youths. *American journal of public health*, 100(12), 2426-2432. <https://psycnet.apa.org/doi/10.2105/AJPH.2009.178319>

Nações Unidas. (2015). Transformando o nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (Resolução A/RES/70/1).

Nagoshi, J. L., Adams, K. A., Terrell, H. K., Hill, E. D., Brzuzy, S., & Nagoshi, C. T. (2008). Gender differences in correlates of homophobia and transphobia. *Sex roles*, 59(7), 521-531. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1007/s11199-008-9458-7>

Nagoshi, J. L., Adams, K. A., Terrell, H. K., Hill, E. D., Brzuzy, S., & Nagoshi, C. T. (2008). Gender differences in correlates of homophobia and transphobia. *Sex Roles*, 59, 521–531. <https://doi.org/10.1007/s11199-008-9458-7>

Norris, A. L., & Orchowski, L. M. (2020). Peer victimization of sexual minority and transgender youth: A cross-sectional study of high school students. *Psychology of Violence*, 10(2), 201–211. <https://doi.org/10.1037/vio0000260>

Norton, A. T., & Herek, G. M. (2013). Heterosexuals' attitudes toward transgender people: Findings from a national probability sample of US adults. *Sex roles*, 68, 738-753. <https://doi.org/10.1007/s11199-011-0110-6>

Paechter, C., Toft, A., & Carlile, A. (2021). Non-binary young people and schools: Pedagogical insights from a small-scale interview study. *Pedagogy, Culture & Society*. <https://doi.org/10.1080/14681366.2021.1912160>

Pallant, J. (2020). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using IBM SPSS*. Routledge.

Pennant, M. E., Bayliss, S. E., & Meads, C. A. (2009). Improving lesbian, gay and bisexual healthcare: a systematic review of qualitative literature from the UK. *Diversity and Equality in Health and Care*, 6(3).

Penner, A. M., Petersen, T., Hermansen, A. S., Rainey, A., Boza, I., Elvira, M. M., ... & Tufail, Z. (2023). Within-job gender pay inequality in 15 countries. *Nature human behaviour*, 7(2), 184-189. <https://doi.org/10.1038/s41562-022-01470-z>

Perez-Arche, H., & Miller, D. J. (2021). What predicts attitudes toward transgender and nonbinary people? An exploration of gender, authoritarianism, social dominance, and gender ideology. *Sex Roles*, 85(3), 172-189. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1007/s11199-020-01212-3>

- Reisner, S. L., Gamarel, K. E., Nemoto, T., & Operario, D. (2014). Dyadic effects of gender minority stressors in substance use behaviors among transgender women and their non-transgender male partners. *Psychology of sexual orientation and gender diversity, 1*(1), 63. <https://doi.org/10.1037/0000013>
- Ribeiro, J. L. P. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*.
- Russell, S. T., & Fish, J. N. (2016). Mental health in lesbian, gay, bisexual, and transgender (LGBT) youth. *Annual review of clinical psychology, 12*(1), 465-487. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-021815-093153>
- Rydell, R. J., McConnell, A. R., Mackie, D. M., & Strain, L. M. (2006). Of two minds: Forming and changing valence-inconsistent implicit and explicit attitudes. *Psychological Science, 17*(11), 954-958. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2006.01811.x>
- Shannon, M. (2022). The labour market outcomes of transgender individuals. *Labour Economics, 77*, 102006. <https://doi.org/10.1016/j.labeco.2021.102006>
- Shariff, A. F., Willard, A. K., Andersen, T., & Norenzayan, A. (2016). Religious priming: A meta-analysis with a focus on prosociality. *Personality and social psychology review, 20*(1), 27-48. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1177/1088868314568811>
- Shelton, J. (2015). Transgender youth homelessness: Understanding programmatic barriers through the lens of cisgenderism. *Children and Youth Services Review, 59*, 10-18. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2015.10.006>
- Smith, E. R., & DeCoster, J. (2000). Dual-process models in social and cognitive psychology: Conceptual integration and links to underlying memory systems. *Personality and social psychology review, 4*(2), 108-131. https://psycnet.apa.org/doi/10.1207/S15327957PSPR0402_01
- Solomon, H. E., & Kurtz-Costes, B. (2018). Media's Influence on Perceptions of Trans Women. *Sexuality Research and Social Policy, 15*(1), 34-47. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1007/s13178-017-0280-2>
- Tajfel, H., Turner, J., Austin, W. G., & Worchel, S. (2001). An integrative theory of intergroup conflict. *Intergroup relations: Essential readings, 94-109*.
- Tebbe, E. A., Moradi, B., & Ege, E. (2014). Revised and abbreviated forms of the Genderism and Transphobia Scale: Tools for assessing anti-trans*

- prejudice. *Journal of counseling psychology*, 61(4), 581.
<https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/cou0000043>
- Testa, R. J., Michaels, M. S., Bliss, W., Rogers, M. L., Balsam, K. F., & Joiner, T. (2017). Suicidal ideation in transgender people: Gender minority stress and interpersonal theory factors. *Journal of abnormal psychology*, 126(1), 125.
<https://doi.org/10.1037/abn0000234>
- Testa, R. J., Sciacca, L. M., Wang, F., Hendricks, M. L., Goldblum, P., Bradford, J., & Bongar, B. (2012). *Effects of violence on transgender people. Professional Psychology: Research and Practice*, 43, 452–459.
<http://dx.doi.org/10.1037/a0029604>
- Thyen, U., Lux, A., Jürgensen, M., Hiort, O., & Köhler, B. (2014). Utilization of health care services and satisfaction with care in adults affected by disorders of sex development (DSD). *Journal of general internal medicine*, 29(Suppl 3), 752-759.
<https://doi.org/10.1007/s11606-014-2917-7>
- Úbeda-Colomer, J., Gil-Quintana, J., Pereira-García, S., López-Cañada, E., Pérez-Samaniego, V., & Devís-Devís, J. (2020). Development and validation of the Barriers to Physical Activity and Sport Questionnaire for lesbian, gay, bisexual, transgender and queer/questioning persons. *Public Health*, 185, 202-208.
<https://doi.org/10.1016/j.puhe.2020.05.020>
- von Doussa, H., Power, J., & Riggs, D. W. (2020). Family matters: Transgender and gender diverse peoples' experience with family when they transition. *Journal of Family Studies*. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1080/13229400.2017.1375965>
- Watson, R. J., & Veale, J. (2018). Transgender youth are strong: Resilience among gender expansive youth worldwide. *International Journal of Transgenderism*, 19(2), 115-118. <https://doi.org/10.1080/15532739.2018.1474832>
- Whitehead, A. L. (2014). Politics, religion, attribution theory, and attitudes toward same-sex unions. *Social Science Quarterly*, 95(3), 701-718.
<https://psycnet.apa.org/doi/10.1111/ssqu.12085>
- Zeeman, L., Sherriff, N., Browne, K., McGlynn, N., Mirandola, M., & Gios, L., *et al.* (2019). A review of lesbian, gay, bisexual, trans and intersex (LGBTI) health and

healthcare inequalities. *European Journal of Public Health*, 29(5), 974–980.
<https://doi.org/10.1093/eurpub/cky226>

Anexos

Anexo I– Questionário de Investigação

Consentimento Informado

GENERALIDAD@S:
Duplo padrão sexual, igualdade de género e minorias sexuais

Consentimento Informado

Ao avançar para o preenchimento do questionário declaro ter compreendido que permaneceréi anónimo(a), que os dados recolhidos são confidenciais e que posso desistir a qualquer momento sem qualquer prejuízo para mim.

Sim
 Não

Block 1

Idade:

Sexo

Género

Orientação Sexual

Habilitações

Profissão

Zona de Residência

Estatuto Socioeconómico

Crenças Religiosas

Block 2

Para cada uma das questões abaixo apresentadas seleccione a alternativa de resposta que melhor descreve a sua opinião.

	Muito mais de mulheres	De mulheres	Igualmente de homens e mulheres	De homens
1. De quem aceita mais facilmente o envolvimento em relacionamentos ocasionais frequentes?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. De quem aceita mais facilmente o envolvimento com múltiplas parcele@s?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. De quem aceita mais facilmente o envolvimento com diferentes parcele@s sexuais ao mesmo tempo?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. De quem aceita mais facilmente o envolvimento sexual com alguem a quem ado se está afetivamente ligad@?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. De quem aceita mais facilmente assumir que gosta muito de sexo?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. De quem aceita mais facilmente o uso de material pornográfico?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. De quem aceita mais facilmente tomar a iniciativa para um encontro sexual?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. De quem aceita mais facilmente a masturbação frequente?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Identifique o género que mais associa às seguintes características.

	Mais feminino	Feminino	feminino e masculino	Masculino	Mais masculino
Organização	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Imaturidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comer dias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agressividade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Autoritarismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Subicunismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Inibição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Submissão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Inteligência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Romantismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eficiência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Responsabilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Proteção	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Competência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sensibilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sentido Prático	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Racionalidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Liderança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Justiça	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atenção	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Emotividade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Verdade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Profissionalismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Elegância	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Intrusão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Consumismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falsidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Impulsividade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Espontaneidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Individualismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Promiscuidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Futilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cuidador	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Diga em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações.

	Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Os homens e as mulheres são iguais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. A anatomia de homens e mulheres tem consequências incontornáveis nos seus papéis sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Há profissões mais adequadas para homens e para mulheres.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. As mulheres devem cuidar das crianças enquanto estas são pequenas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
5. As crianças preferem mais da mãe do que do pai.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. O principal papel das mulheres é a maternidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. O principal papel dos homens é a paternidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. As crianças podem ser criadas igualmente por um homem ou por uma mulher.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. As diferenças entre homens e mulheres são biológicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. As diferenças entre homens e mulheres são psicológicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. As diferenças entre homens e mulheres são sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. A gravidez limita as mulheres.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. A gravidez dignifica as mulheres.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. A ornamentação é uma função imprescindível das mulheres.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. A ornamentação é uma função exclusiva das mulheres.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Os homens e as mulheres são diferentes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Diga em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações.

	Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Eu já agridei homens que agem como maricas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Eu comentei-me de forma violenta para com uma mulher porque ela era muito máscula.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Se eu descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo, eu perderia a cabeça.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Se um amigo quisesse remover o seu pénis de modo a tornar-se numa mulher, eu apoiá-lo-ia abertamente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Homens que se vestem de mulheres por prazer sexual enojam-me.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Se eu visse um homem na rua que pensasse ser uma mulher, eu perguntar-lhe-ia se ele era um homem ou uma mulher.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Discordo Totalmente	Discordo	concordo nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
7. Não é normal mulheres que se vêem a si mesmas como homens.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Eu evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela tinha construído cirurgicamente pênis e testículos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Um homem que se veste de mulher é pervertido.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Eu já me comportei de forma agressiva para com um homem porque ele era muito feminino.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Cirurgias de mudança de sexo são moralmente erradas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. É moralmente errado para uma mulher apresentar-se em público como sendo um homem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Se eu encontrasse um homem que calçasse sapatos de sola alta, com meias de liga, e maquiagem, eu consideraria bater-lhe.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Diga em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações

	Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Os movimentos LGBT, desvalorizam as questões das mulheres.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Os movimentos LGBT provocam confusão nas pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Uma pessoa transexual deve ser considerada como pertencente ao género para o qual nasceu.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Dever haver categorias distintas para homens, mulheres e transgéneros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Os direitos dos homossexuais ficam diluídos na afirmação de múltiplas identidades sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Os direitos dos homossexuais ficam diluídos na afirmação de múltiplas orientações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. As questões das orientações sexuais e identidades de género sexuais devem ser muito publicitadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Tornar identidades minoritárias um assunto relevante diminui a normalização das pessoas homossexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
9. Falar mais de identidade de gênero diminui a normalização das pessoas homossexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Pessoas homossexuais ficam prejudicadas pela afirmação dos direitos das pessoas transgênero.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. É necessário um vocabulário novo para as identidades sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. A maioria das pessoas não tem interesse nas questões das minorias sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Powered by Qualtrics

Anexo II – Outputs Complementares

Escala de Estereótipos de Género

	Estatísticas Descritivas							
	N	Mínimo	Máximo	Média	Assimetria		Curtose	
	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Erro Padrão	Estatística	Erro Padrão
EG_Total	802	1,00	3,71	2,2258	-,187	,086	-,294	,172

Escala de Generismo e Transfobia

	Estatísticas Descritivas								
	N	Mínimo	Máximo	Média		Assimetria		Curtose	
	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Erro Padrão	Estatística	Erro Padrão	Estatística	Erro Padrão
GT_Total	802	13	59	19,60	,273	1,548	,086	2,617	,172